OITAVOS ANOS APRESENTAM

QUAL O LIMITE ENTRE REALIDADE E FICÇÃO?

CONTOS FANTÁSTICOS

2020

QUAL O LIMITE ENTRE REALIDADE E FICÇÃO?

CONTOS FANTÁSTICOS

COLÉGIO MARISTA
SANTA MARIA

APRESENTAÇÃO

Prezados leitores,

É com muita alegria que divulgamos este *e-book* a todos vocês. Nascido, inicialmente, de maneira despretensiosa, fruto de uma simples produção textual, orientada - a distância - em tempos de pandemia e de isolamento social, este material chega ao público como uma compilação de diversos contos fantásticos produzidos pelos alunos dos oitavos anos do Colégio Marista Santa Maria.

Nele, vocês encontrarão as mais fantásticas histórias, bem como conhecerão, em alguns momentos, as personagens Paolo e Francesca, retextualizadas pelos autores nos contos produzidos. Esse casal, desde o século XIV, ao servir de inspiração para Dante, em *A Divina Comédia*, é retratado nas diferentes formas de arte, rondando o imaginário do "amor impossível".

Particularmente, espero que a leitura dos contos aqui apresentados seja um alento neste período de dúvidas e incertezas, alimentando a imaginação e o coração de cada um de vocês.

Abraços fraternos.

Caroline Dambrozio Guerra,
Professora de Produção Textual.

Esperamos agradar a todos os leitores que terão a oportunidade de desfrutar de nossas palavras e de desvendar os limites entre a realidade e a ficção.
Estão preparados?

OITAVOS ANOS: QUEM SOMOS?

Afonso Dorneles Carús
Ana Júlia Viero Terra Nunes
Antônio Noal Da Cás
Arthur Trindade de Mattos
Carlos Alberto Riemenschneider da Cunha
Eduarda Dumke Moreira
Enzo Perufo Frigo
Giovana Cardoso Leal Dias
Giulia Trevisan dos Reis Rodrigues
Guilherme Brenner Schneider
Guilherme Machado Luiz
Helena da Cunha Xavier Cúrcio
Isabella Bellinaso Cordenonsi
Isadora Meyne Flôres da Silva
Joana de Souza Vontobel
João Guilherme Pereira Weber Corrêa
João Pedro Bittencourt Calil
Kauan Sartor de Sousa
Laura Krüger Falleiro
Leonardo Soares Benz
Lorenzo Tiellet Ethur
Luíse Viero Verffel
Pedro Amaral de Moura
Pietro Mutti Medeiros
Rafaela Milesi Maciel
Ramiro Gadret Siemionko
Rauan Aiman Dib Khaled
Ricardo Vieira Romano
Rodrigo Keske Soares
Samuel Fogagnoli Rodrigues
Victor Eduardo da Silveira Vallau
Yasmin Zhang Li

OITAVOS ANOS: QUEM SOMOS?

Beatriz Bender Carvalho
Bernardo Rodrigues da Silva
Camila Pancracia Gimenez Silva
Camili Brum da Silva
Carolina Zottis Cavalheiro
Cesar Augusto Flores Filho
Clara Vaz Fortes de Araújo
David Kelling Monteiro
Enrico Carlesso Terra
Felipe Hayashi Durigon
Fernanda Beltcher Casarin
Fernanda Santos Weis
Gabriel Branda Santiago
Giovana Ayres Gonçalves
Helena da Costa Rebellatto
Isabelle Maria Padoin Dias
João Artur Fontanari Krause
João Pedro de Mello Padoin
Julia Pauli Jost
Kael Schott Rigon
Lucca Santos Germanos
Luigi Lourenço De Gregori
Luis Fernando Tello Gamarra
Luíza Silva Souza
Maria Clara Bermudes Costa Beber
Maria Fernanda Flores de Azevedo
Maria Luiza de Castro Santiago
Marina de Arruda Carilo Loro
Miguel Ferreira Donaduzzi
Pedro Henrique Bonilla Karsten
Pedro Henrique Tarter Dhein
Rafaela Matos Schneider
Sophia Cambraia Machado Haygert
Tehila Schneider Rudnicki

QUAL O LIMITE
ENTRE
REALIDADE E
FICÇÃO?
CONTOS FANTÁSTICOS

TEXTO INTRODUTÓRIO:

MEMÓRIAS DE UM APRENDIZ DE ESCRITOR

Escrevo há muito tempo. Costumo dizer que, se ainda não aprendi — e acho mesmo que não aprendi, a gente nunca para de aprender —, não foi por falta de prática. Porque comecei muito cedo. Na verdade, todas as minhas recordações estão ligadas a isso, a ouvir e contar histórias. Não só as histórias dos personagens que me encantaram, o Saci-Pererê, o Negrinho do Pastoreiro, a Cuca, Hércules, Teseu, os Argonautas, Mickey Mouse, Tarzan, os Macabeus, os piratas, Tom Sawyer, Sacco e Vanzetti. Mas também as minhas próprias histórias de meus personagens, estas criaturas reais ou imaginárias com quem convivi desde a infância.

Na verdade, eu escrevi ali em cima. *Verdade* é uma palavra muito relativa para um escritor de ficção. O que é verdade, o que é imaginação? No colégio onde fiz o segundo grau, o Júlio de Castilhos, havia um rapaz que tinha fama de mentiroso. Fama, não; ele *era* mentiroso. Todo mundo sabia que ele era mentiroso. Todo mundo, menos ele.

Uma vez, o rádio deu uma notícia alarmante: um avião em dificuldades sobrevoava Porto Alegre. Podia cair a qualquer momento. Fomos para o colégio, naquele dia, preocupados; e conversávamos sobre o assunto, quando apareceu ele, o Mentiroso. Pálido:

— Vocês nem podem imaginar!

Uma pausa dramática, e logo em seguida:

— Sabem este avião que estava em perigo? Caiu perto da minha casa. Escapamos por pouco. Gente, que coisa horrível!

E começou a descrever o avião incendiando, o piloto gritando por socorro... Uma cena impressionante. Aí veio um colega correndo, com a notícia: o avião acabara de aterrizar, são e salvo. Todo mundo começou a rir. Todo mundo, menos o Mentiroso:

— Não pode ser! — repetia, incrédulo, irritado — Eu vi o avião cair!

Agora, quando lembro este fato, concluo que não estava mentindo. Ele vira, realmente, o avião cair. Com os olhos da imaginação, decerto; mas para ele o avião tinha caído, e tinha incendiado, e tudo o mais. E ele acreditava no que dizia, porque era um ficcionista. Tudo que precisava, naquele momento, era um lápis e um papel. Se tivesse escrito o que dizia, seria um escritor; como não escrevera, tratava-se de um mentiroso. Uma questão de nomes, de palavras.

Palavras. São tudo, para quem escreve. Ou quase tudo. Como a serra, o martelo, a plaina, a madeira, a cola e os pregos para o marceneiro; como a colher, o prumo, os tijolos e a argamassa para o pedreiro; como a fazenda, a linha, a tesoura e a agulha para o alfaiate. Estou falando em instrumentos de trabalho, porque literatura nem sempre parece trabalho. Há uma história (sempre contando histórias, Moacyr Scliar! Sempre contando histórias!) sobre um escritor e seu vizinho. O vizinho olhava o escritor que estava sentado, quieto, no jardim, e perguntava: *Descansando, senhor escritor?* Ao que o escritor respondia: *Não, trabalhando*. Daí a pouco o vizinho via o escritor mexendo na terra, cuidando das plantas: *Trabalhando? Não*, respondia o escritor, *descansando*. As aparências enganam; enganam até ao próprio escritor. Gabriel García Márquez conta que, quando senta para escrever, gosta de estar rodeado dos mais variados instrumentos: a máquina, vários lápis, tesoura, cola, borracha, grampeador — para se sentir como um operário que vai empreender a tarefa; o operário em construção, de Vinícius de Moraes: "Era ele quem fazia casas / Onde antes só havia chão".

As palavras são tudo, você disse, Moacyr? Você mentiu, Moacyr. Mais uma vez você mentiu. As palavras não são tudo, e disso você bem sabe. A emoção conta, caro Moacyr. A emoção, as ideias, as lembranças. [...].

(SCLIAR, Moacyr. *Memórias de um aprendiz de escritor*. São Paulo: Nacional, 1984, p. 9-13).

ANA JÚLIA VIERO
TERRA NUNES

ASAS MILAGROSAS, SEGREDOS MISTERIOSOS

Era uma vez... em um lugar muito distante, de tudo e de todos, uma velha senhora, com um poderoso segredo que todos tentavam descobrir. Com o passar dos anos, muitas investigações e especulações foram feitas, porém nenhuma trazia uma resposta certa, eram apenas hipóteses.

Essa senhora não morava sozinha, mas com sua filha Francesca e seu irmão Paolo, pois ela teria de enfrentar muitas pessoas tentando invadir sua privacidade e descobrir seu segredo. Sua filha tinha uma beleza indescritível, tinha olhos vermelhos como fogo e cabelos azuis como o céu; seu irmão Paolo era alto como um gigante e forte como um super herói. Os três (a velha, Paolo e Francesca) possuíam poderes diferentes, mas o que ninguém sabia era que Francesca e Paolo também possuíam poderes.

Até que certo dia Paolo precisou ir até a floresta procurar Francesca, que havia ido buscar frutas frescas para o chá milagroso que eles faziam. Consequentemente, a velha ficou sozinha em casa. Durante três semanas, dois homens estavam escondidos no meio da floresta observando o movimento da casa, que horas saíam, quando saíam, etc. Eles, ao verem os dois irmãos terem saído de casa, não perderam tempo e foram até a casa da velha. Ao olharem discretamente pela janela, viram asas gigantescas atadas na velha, então não havia mais mistério, porém queriam saber o que mais aquelas asas tinham de tão poderosas além de voar. Não pensaram duas vezes: invadiram a casa e amarraram a velha em uma cadeira, enquanto um ameaçava e fazia perguntas, o outro observava atentamente por fora da casa, para saberem quando Paolo e Francesa iriam voltar.

Então, um deles disse:

— Se a senhora não nos contar o que de tão poderoso possui além de asas ou o que elas fazem, iremos cortá-las.

A velha, sem escolha, contou que suas asas tinham um líquido que, ao colocar nas bebidas, curava qualquer doença.

Quando, de repente, o outro homem grita:

— Eles estão voltando, eles estão voltando!

Os dois pedem para a velha explicar para Paolo e Francesca que estava tudo bem. Os irmãos, sem entenderem nada, prontamente se preparam para o ataque e, sem ouvir a explicação dos homens ou o que a velha dizia, mataram os dois.

Assim, até hoje ninguém sabe do tal segredo.

O AMULETO

Dizem que isso aconteceu de verdade em meados dos anos vinte, na Inglaterra, em uma construção dos Cavaleiros Templários. A população local, até os dias de hoje, conta que foi assim...

Um casal de arqueólogos que se amava como Paolo e Francesca (mas não vamos nos prender a uma história romântica) vivia nos Estados Unidos e veio à caça de um amuleto místico, depois de encontrarem as informações num pergaminho muito antigo, escondido numa caixa de ouro. Esta foi achada durante uma expedição arqueológica na região das treze colônias. O casal também descobriu que o amuleto havia pertencido ao Rei Arthur e tinha sido criado pelo poderoso Mago Merlin, o senhor da magia negra.

Ao entrar no templo, eles encontraram uma câmara secreta na parede, que levava a um pedestal onde estava o amuleto. Imediatamente, um dos arqueólogos foi possuído pela feitiçaria.

O outro arqueólogo, que não estava enfeitiçado, destruiu o amuleto e de lá saiu um cristal encantado muito poderoso. Então, hoje eu vim até aqui para descobrir se esta história é real ou falsa e...

— Mas, que pedrinha brilhante é esta?

ARTHUR TRINDADE DE MATTOS

A RETIRADA DA TERRA

Não quero me lembrar do dia que passaram na sala de aula avisando que as aulas estavam suspensas. No momento, eu e meus colegas comemoramos muito, porém era um aviso dos Alienígenas: tínhamos quarenta dias para nos retirarmos do planeta.

As bases militares estavam fazendo o máximo para nos proteger, então já estavam projetando naves para fugirmos para Marte rapidamente. Felizmente, no mundo, existiam alguns heróis que foram recrutados pelos comandantes militares para que juntos conseguissem ganhar essa batalha.

Eu, Paolo e Francesca estávamos com muito medo do que podia acontecer com o planeta, então já arrumamos nossas coisas e nos preparamos para sair dele.

Os Alienígenas vieram com todos seus soldados, com monstros gigantes e armas muito perigosas. O exército, juntamente com os nossos heróis, já estava preparado para a guerra que duraria muito tempo.

Certamente, os Alienígenas estavam muito mais fortes para essa batalha, mas os nossos heróis eram muito mais poderosos e ainda tinham a ajuda do exército com vários homens. Então, eles chegaram, e a guerra começou.

As naves, para retirarem os humanos que não iriam lutar, ficaram prontas. Assim, fomos para Marte para nos proteger. A viagem demorou, mas chegamos seguros e contentes por estarmos bem. Como não tínhamos recebido notícias de como ia a guerra, eu estava curioso.

Felizmente, com muito esforço, os guerreiros da terra, junto aos heróis, venceram e mandaram os Alienígenas para fora. Depois de tudo isso, eu, Paolo e Francesca voltamos para casa e agradecemos por continuarmos vivos. Nós seguimos nossa vida normalmente: voltamos a ir para a escola, encontramos os colegas, brincamos, jogamos futebol e ficamos felizes pelo fim da guerra.

CARLOS ALBERTO RIEMENSCHNEIDER DA CUNHA

DE VOLTA PARA O PASSADO

O ano era 2022, a pandemia do Coronavírus não teria como estar pior, e então Milos e Mendes, dois amigos cientistas, estavam trabalhando em um projeto há muitos anos. Milos estava continuando o projeto de seu pai, que havia assistido a "De Volta Para O Futuro" e ficado a criar um carro que corresse tão rápido que chegasse a voltar no tempo ou ir para o futuro. Seu pai começou a trabalhar nesse projeto em 1986 e trabalhou nele até o dia de sua morte, em 2001. Então Milos decidiu seguir com a carreira de seu pai logo após a sua morte, pois já tinha se tornado algo de família.

Milos, quando iniciou o projeto de seu pai, viu que já estava bem avançado e que não conseguiria concluí-lo sozinho. Por isso, Milos chamou Mendes, que tem trabalhado no projeto desde então. Milos e Mendes viram que, com a situação do Coronavírus, teriam de voltar ao passado, já que o projeto já estava concluído. Mendes estava lembrando que sua bisavó lhe contava histórias sobre um homem, que vivia no ano de 1932, e a bisavó de Mendes o conhecia, ela dizia que ele usava roupas estranhas, como as de Mendes, ele nunca entendia essa história, pois, no ano de 1932, eles usavam roupas muito diferentes das que usamos agora.

Chegando lá, esconderam o DeLorean e foram para as ruas de Nova York. Aquilo era muito estranho, pois nunca tinham visto, de forma colorida, como eram os anos 30. Como estavam sem rumo para onde ir, perguntaram a um casal que passava na rua.

Milos disse:

— Olá, me chamo Ricardo e esse é meu amigo Jailson. Por acaso vocês viram um homem com roupas estranhas?

O casal responde:

— Primeiro, vou começar me apresentando, me chamo Francesca, e esse é meu marido, Paolo.

Milos estava reparando que aquilo não era Nova York:

— Francesca, onde estamos?

Logo, Milos escuta sua mãe chamando-o e logo percebe que tudo aquilo foi um sonho.

EDUARDA DUMKE MOREIRA

A IRMÃ

Tarde da noite, um garoto chamado Max ainda estava acordado, e seu pai estava contando-lhe histórias de quando era criança. Uma dessas histórias tinha se passado no seu colégio: "Eu estava no recreio, até que dois amigos meus me convidaram para fazer uma pegadinha. Nós chamamos um outro amigo nosso, então dissemos para ele que nós havíamos visto um fantasma no banheiro. Enquanto estávamos falando com ele, outra pessoa se vestia de fantasma e se escondia no banheiro. O nosso amigo não estava acreditando, então ele foi até o banheiro para provar que não havia nada lá. Chegando ao banheiro, ele abriu a porta e levou um susto do 'fantasma'. Todos nós rimos até hoje lembrando dessa história" — disse o pai, rindo.

— Hora de ir dormir — disse a mãe de Max.

— Ok — disse Max.

Após Max ir dormir, ele ouve um barulho e levanta assustado. Ele vê um vulto e decide segui-lo, pensando que era sua mãe, mas, na realidade, era sua irmã já falecida. Ela estava carregando seu livro favorito, cujos personagens eram Paolo e Francesca, seus favoritos. Após isso, Max perguntou como ela poderia estar lá.

— Eu não sou real, sou apenas fruto da sua imaginação — disse sua irmã.

— Então você é um fantasma? — perguntou Max.

— Não, não sou nem real, nem fantasma, sou apenas fruto de sua imaginação — insistiu sua irmã.

— Bom, se você é fruto de minha imaginação, eu estou sonhando? — perguntou Max.

— Não, você não está sonhando — disse a irmã dele.

— Então como... — Max disse até ser interrompido.

— Você se lembra se eu morri de verdade? — perguntou a irmã.

— Sim, você bateu a cabeça com força em um acidente de carro — respondeu Max.

— Não, quem bateu a cabeça foi você, isso tudo é sua imaginação. Acorda, Max, acorda, Max... — gritava sua irmã.

Max acorda e vê sua família desesperada, chorando, por causa do acidente que ele havia sofrido. Após isso tudo, Max percebe que tudo não passou de um pesadelo horrível.

A CHUVA

Era uma manhã chuvosa com muitos trovões e relâmpagos, Paolo e sua irmã Francesca estavam abraçados com muito medo embaixo da cama, até que a casa começa a tremer muito. Os dois, com medo, se escondem debaixo da mesa da cozinha.

Então o primeiro cômodo CAI, seu quarto tinha virado apenas barro e pedras, Paolo e Francesca saem de casa assustados e chorando, até que Paolo acorda e Francesca também. Os dois se olham com muita clareza e, assustados, Paolo pergunta a sua irmã se ela havia sonhado, ao que ela respondeu:

— Sim, sonhei que nós dois estávamos sozinhos em casa, e então começou a relampear e...

Paolo interrompe a irmã assustado e conta que sonhou o mesmo.

Os dois se olharam assustados e não comentaram nada. Mas, no dia seguinte, acordaram e seus pais não estavam mais em casa. Estava chovendo MUITO (igual ao sonho), então foram para debaixo da cama com medo dos relâmpagos.

Depois o chão começou a tremer e eles começaram a chorar, até que seus pais chegaram, abraçaram-se e se desculparam por saírem sem avisar. Paolo fala para seu pai que sua cama estava tremendo, mas seu pai ri e fala que, como a chuva está muito forte, começou a tremer um pouco sua cama. Então eles se abraçaram, riram e FIM.

GIULIA TREVISAN DOS REIS RODRIGUES

O ENIGMA DA CHAVE

Após alguns anos morando na mesma casa, Maria e seu marido, Igor, decidiram fazer uma obra para restaurar alguns cômodos. Quando quebraram a parede, descobriram uma chave, mas não sabiam de onde seria.

Daquele dia em diante, Maria e Igor ficaram em dúvida de qual entrada aquela chave poderia abrir. Depois de muita procura, Maria encontrou uma fechadura no chão e logo lembrou-se da chave. Abriu o local e deparou-se com um mapa da pequena cidade. Nele, estava marcado um X, ficando dúvida de que local seria aquela marcação.

Maria foi perguntar para seu marido se ele conhecia aquele local, pois ele tinha bom conhecimento daquela pequena cidade. A resposta foi rápida: o local seria um parque que estava abandonado há alguns anos, sem nenhum cuidado, a duas quadras de sua casa.

Após aquele descobrimento, Maria queria muito ir até o local, mas sabia que seu marido não iria concordar. Porém, o marido, percebendo, concordou logo em seguida. Maria, muito feliz, arrumou as coisas, levando muita água, comida e três lanternas, pois não sabia quanto tempo poderiam demorar para encontrar a fechadura.

Quando chegaram ao parque, Maria ficou com medo, pois o mato que rodeava o local estava muito alto. Como estava muito encucada, ela criou coragem e entrou com Igor. Notaram que, no meio do parque, não havia mato. Eles não sabiam o porquê e começaram a procurar pela fechadura correspondente à chave.

Após muito tempo procurando, Igor encontrou uma mini setinha apontando para uma árvore que estava com uma tonalidade mais bonita. Logo que viu, chamou Maria, que estava cada vez mais entusiasmada, saindo correndo para ver o que era. Quando viu a seta, saiu correndo para a árvore, encontrando, então, a fechadura.

Ansiosa, colocou a chave e girou. Observou que o chão havia se aberto do outro lado do parque. Os dois, muito eufóricos, pegaram a lanterna e entraram na caverna que havia surgido. Viram que não seria tão fácil assim, pois encontraram outro mapa com dicas para chegar a uma sala que se encontrava no final do mapa.

Começaram a caminhar e depararam-se com um totem que estava largado no chão. Eles olharam para o mapa e notaram um desenho que era muito semelhante ao do totem. Iniciaram a montagem de acordo com o desenho. Quando terminaram, viram que a porta que estava fechada se abriu e que a porta pela qual eles tinham entrado se fechou. Perceberam que, para sair da caverna, teriam de completar todos os enigmas.

Quando entraram na outra sala, depararam-se com alguns pontos e traços, e Igor percebeu que era um código Morse, pois ele teria aprendido na faculdade. Conseguindo então passar por essa sala, observaram no mapa que esta seria a última sala até encontrarem o salão e a porta de saída.

Ao percorrer o caminho, Maria notou que tudo daquela sala tinha a ver com a história de Paolo e Francesca. Chegando à porta da sala, eles se depararam com imagens dos personagens, tendo o desafio de identificar cada um deles de acordo com as escritas que estavam em cada quadro. Mas, como ela já sabia a história, não teve muita dificuldade em desvendá-las.

Desvendado o enigma da chave, perceberam que várias partes do desafio tinham relação com várias passagens da vida deles.

Depois desses acontecimentos, Maria e Igor saíram da caverna muito eufóricos, entendendo que a vida pode ser, sim, um enigma.

GUILHERME BRENNER SCHNEIDER

UM AMOR PROIBIDO

Em um belo dia, Paolo decidiu ir ao bar de seu amigo. Ao chegar lá, ele avistou uma mulher sozinha na mesa, então ele chegou perto dela e perguntou se ele poderia se sentar ali. A moça disse que sim. Então ele perguntou o seu nome, e ela respondeu que seu nome era Francesca.

Após longo tempo de papo, Paolo e Francesca se tornaram amigos, assim todo dia eles se encontravam naquele mesmo bar. Por causa da grande amizade que eles formaram, Paolo pediu Francesca em namoro, Francesca pareceu muito feliz por um tempo, mas depois lembrou que seus pais não a deixariam se casar com outro homem que não fosse o que seus pais escolhessem.

Então os dois combinaram de namorar escondidos dos pais de Francesca. Após vários meses de relacionamento, os pais de Francesca começaram a desconfiar, pois ela estaria voltando muito tarde da casa de sua "amiga".

A hora em que os pais dela tiveram certeza foi quando Francesca estava ficando enjoada e estava vomitando. Então, após nove meses, o neném nasceu. Os pais de Francesca queriam saber quem era o pai, Francesca não aguentou a pressão e contou quem era o pai.

Os pais ficaram furiosos e então contratam o maior assassino de aluguel do país. Esse assassino descobriu o local onde Paolo morava e o assassinou com dois tiros no peito. Francesca ficou muito revoltada e triste após descobrir que seus pais tinham contratado o assassino de seu marido, então fugiu com o neném para fora do país e viveu uma vida muito feliz por lá.

GUILHERME MACHADO LUIZ

O RELÓGIO MISTERIOSO

Era uma vez um menino que se chamava Jonas. Ele era um menino comum de 13 anos que estava de férias na fazenda, com seu tio Elias e sua prima Maria.

Uma noite, Jonas estava dormindo quando, de repente, acordou ouvindo um barulho muito alto, que parecia um foguete decolando. Jonas saiu de casa para ver o que era, quando olhou para o céu, viu um meteoro gigante. Jonas nunca tinha visto um e ficou tão fascinado com o meteoro que decidiu segui-lo.

Após alguns minutos, Jonas viu o meteoro cair em uma clareira ali perto, ele se aproximou vagarosamente dele, quando, de repente, o meteoro se abre e sai um vapor quente de dentro dele. Quando o vapor sobe, Jonas vê que, dentro do meteoro, há um relógio azul que brilha.

Jonas analisou o relógio e viu que ele era muito tecnológico para se tratar de uma peripécia humana. Quando Jonas foi tentar pegar o relógio, ele se grudou no pulso de Jonas e não saía por nada; Jonas até tentou quebrar o relógio com uma pedra, mas de nada adiantou.

Depois de tentar tirar o relógio, Jonas começou a estudá-lo e viu que ele tinha um botão. Quando Jonas apertou o botão, todo o seu corpo ficou em chamas, Jonas começou a surtar e desmaiou.

Quando Jonas acordou, ele estava no hospital. Seu tio e sua prima estavam lá. Eles contaram que ouviram os gritos de Jonas e foram socorrê-lo. Depois disso, Jonas perguntou a eles se o seu corpo estava em chamas quando eles foram resgatá-lo, mas eles disseram que ele estava desmaiado no chão sem qualquer arranhão. Então Jonas perguntou sobre o relógio, e eles falaram que não havia relógio algum em seu pulso.

No meio dessas histórias todas, chega Matheus, que era melhor amigo e vizinho de Jonas, e pergunta sobre o que eles estavam discutindo, então Jonas e seu tio contam tudo para Matheus. Ele entende e lembra-se de que, na noite passada, viu uma pessoa sonambulando e andando até a clareira e gritando desesperadamente.

Depois disso, todos perceberam que todos esses acontecimentos fantasiosos, na verdade, não foram reais, mas sim foi tudo um sonho sonâmbulo de Jonas. E assim acaba o nosso conto fantástico.

HELENA DA CUNHA
XAVIER CÚRCIO

UMA AUDIÇÃO

Uma menina morava em uma cidade pequena, tinha milhares de sonhos que, na mente dela, viravam realidade, bastava escurecer para a magia acontecer. Na sua cama, uma coberta quentinha, junto de um travesseiro.

A garota, já mais amadurecida, amava dançar, sentia-se livre como um pássaro a voar no céu. Tantas piruetas e passos feitos com perfeição, era considerada a maior dançarina da cidade; mesmo que a cidade fosse pequena, havia muitas pessoas, milhares a glorificar a bela dançarina. De repente, um barulho, parecia um martelo batendo em madeira: era sua mãe batendo na porta, para acordá-la. Ela acorda assustada, toma café correndo, entra no carro e se vai ao olhar da mãe.

Já era tarde da manhã, esquecera que tinha um teste importante para o que vinha pela frente. Sua professora olha-a com cara feia e manda-a sentar no meio das outras meninas. Quase todas as meninas foram chamadas, ela estava ansiosa, mas sabia que, quando começasse a dançar, se tranquilizaria, e até esqueceria o porquê daquela dança.

Passada a audição, a menina chega cansada em casa. A noite chega depressa, e, sem que ela perceba, esquece-se de arrumar seu uniforme para o dia seguinte; acaba adormecendo no sofá, onde olhava um documentário. Como sempre, como sua mãe trabalhava dia e noite, de domingo a domingo, nem percebeu que a filha adormecera ali.

Alguns dias depois, chega uma carta. Parecia mais com um e-mail impresso, e a garota lê com tanta atenção que sua mãe se atrai pela sua expressão: era a tão esperada resposta da audição. Ela começa a dançar com as grandes cortinas do salão, comemorando a resposta que tivera, de que teria passado no grande teste.

Em sua casa mesmo, assina o contrato, devolve a caneta, coloca-o na pasta e leva para a escola de dança, onde conheceria os novos professores. Chegando lá, tem uma surpresa: eram seus artistas preferidos – Paolo e Francesa –, considerados os maiores professores de dança do seu país.

Em um tão esperado dia, que era apenas um sonho, virou-se realidade. Chegou o dia, o dia do grande espetáculo! Ela e o restante da equipe se aprontam para o grande show. Está quase na hora de brilhar – ela pensara e, em cinco ou dez minutos, ela já está no palco à espera das luzes. Quando a música e as luzes ligam, começa a magia, entre um giro e outro, ela fecha os olhos e, quando abre, está totalmente diferente, ela vê brilhos, coisas que nunca pensara ver, mas, quando se olha, está no ar, voando.

ISABELLA BELLINASO CORDENONSI

VIAGEM PARA O COVID-19

Vou contar-lhe uma história que, para você, pode ser realidade ou não. Bom, essa história aconteceu faz algum tempo comigo e com a minha prima. Estávamos estudando ciências, mais para a parte de medicina, remédios, curas, sintomas, prevenção e por aí vai. Minha prima comentou que havia lido em um jornal que um casal de astronautas, Paolo e Francesca, iria ao espaço à procura de uma cura para a Covid-19. A gente não tinha a mínima ideia do que era isso, então fomos pesquisar e descobrimos que, se não achassem uma cura no ano de 2020, essa doença iria se espalhar cada vez mais. O fato de as pessoas pegarem essa doença era preocupante, mas o que mais causava aflição nos cientistas era que passava muito rápido para as outras pessoas, ou seja, se multiplicava em questão de segundos, e, para completar, esses sintomas só apareciam após alguns dias depois que você era contaminado. Enfim, a missão do casal era achar uma cura, mas é claro, eles tinham o risco de pegar uma doença extraterrestre e passar para a terra. Porém, eles tinham tomado todas as prevenções possíveis para que isso não ocorresse.

Quando os astronautas estavam indo para o espaço, a nave saiu de controle e parou em um planeta desconhecido pela NASA e por todos na terra. Saiu em todos os jornais e, com certeza, vai ficar para a história esse acontecimento. O governo tentou manter em sigilo essas informações, mas, infelizmente, vazaram, e o mundo todo ficou em choque. Com a nave caída nesse planeta desconhecido, os astronautas estavam com medo de sair da nave ou de tentar analisar se havia oxigênio ou não. Então, Paolo descobriu que tinha oxigênio, pois, se não tivesse, ele já estaria morto, já que sua calça estava rasgada. Com isso, eles exploraram o planeta e passaram dias por lá. Mas, no planeta terra, havia passado anos e, então, chegou o esperado ano de 2020 que, para eles, era o quinto dia lá. Eles não conseguiram entrar em contato com a terra para avisar que eles estavam bem e para saber as atualizações da terra.

Então a Covid-19 tornou-se a notícia do momento, e todos ficaram desesperados e sem saber o que fazer. Como os astronautas não tinham ideia de tempo, eles passaram um romance, e esse romance foi escrito pela Francesca, que deu o nome de "A NOIVA". Alguns dias depois, ela conseguiu contato com a terra e, portanto, completou a missão de voltar ao planeta, que ela chama de lar. Com sua chegada, viu que o mundo havia mudado, as pessoas envelheceram, a doença se espalhava e nenhum ser andava pelas ruas. Ficou preocupada, mas, pelo menos, estava em casa. Ela ficou em uma "casa" na NASA para ver se ela não tinha trazido consigo algum vírus ou algo do tipo. Loucura, né? Agora estou em minha casa, na quarentena, escrevendo este belo texto.

ISADORA MEYNE
FLÔRES DA SILVA

VISÃO EMBAÇADA

Estou cansado, meus olhos estão trêmulos, não sinto meu corpo, não sinto o suor escorrer como óleo no meu rosto, apenas consigo respirar essa fumaça pesada com extrema dificuldade, minha visão escurece a cada segundo, nem sei mais como estou pensan...

Soldados correm, carregando às vezes armas e às vezes corpos, eu diria que esse é o verdadeiro inferno: ou você luta ou você morre. Ir para uma guerra não tem mais volta, você pode até sobreviver, mas a guerra sempre estará dentro de quem já a encarou cara a cara. Deve ser difícil ver seus "irmãos" irem dormir eternamente sem se despedir, ainda mais quando gritam e imploram a si mesmos para resistir a essa tentação.

Acordo, estou deitado em meio a flores, muito belas por sinal, estou me sentindo leve como uma pluma, limpo como um cristal. Olho ao meu redor: vejo campos, flores, campos e mais flores e uma velha casa, onde será meu destino a partir de agora. Andando em direção à casa, vejo uma linda mulher, de cabelos morenos, olhos verdes e um estampado sorriso no rosto, de onde saía uma risada maliciosa. Ela me lembrava alguém, mas parece que tudo o que eu vivi antes foi borrado. Abri a porta da casa de madeira, lá dentro a linda mulher contava a história Paolo e Francesca, duas crianças que a ouviam atentamente e um homem que admirava a mulher como se fosse a obra de arte mais linda que já tinha visto: o amor estava retratado em seus olhos, o homem tinha seu universo inteiro na sua frente. Páginas daquele livro voavam pela sala, como se tivessem vida, todos eram alegres, pareciam não ter nenhuma preocupação, pareciam anjos.

Uma página voando para fora da janela rodopiava e dançava no ar, não pude evitar de querer dançar com ela. A página tinha um cheiro agradável, um cheiro que vicia. Nela, com uma letra que parecia um desenho, estava escrito: "não deixe de lado as estrelas, elas serão as únicas que te levarão até mim, pelo seu brilho infinito, pelo seu fogo ardente, eu juro, eternamente te amar, meu bem..."

"Aguente firme, soldado, você é jovem, tem muito o que viver!!!", mais uma vez, minha visão embaçada, mais uma vez, meu corpo trêmulo, mais uma vez, a dor que me agoniava... Cá estou eu.

Quero desistir, não aguento mais ter de viver esse inferno. Levo minha mão ao peito, é a única coisa que consigo fazer, sinto um papel, pego e vejo a foto da mulher que amo, da mulher por quem eu daria minha vida quantas vezes fossem necessárias, a mulher dos cabelos morenos, de olhos verdes, a mulher que era uma deusa na terra; atrás da sua foto, estava escrita a frase que li no papel que dançava onde quer que eu estivesse. Não sei se aguento, mas, por ela, tenho de ser forte, se eu não conseguir, espero que ela me perdoe e saiba que a amo mais que tudo.

JOANA DE SOUZA VONTOBEL

O AMOR VERDADEIRO

Era uma vez uma princesa que morava isolada do mundo, pois estava trancada em um castelo enorme. O nome dela era Eliza, linda como uma flor, era muito doce, adorava cantar e sempre sonhava em sair daquele lugar. Ela queria ter uma pessoa para compartilhar seus sentimentos, como Paolo e Francesca, que tinham um ao outro.

Em um lindo dia, Eliza estava vendo, de uma janela trancada, um homem vaidoso. Ele tinha muitos pertences e passeava com uma carruagem toda de ouro. Ela via também um homem humilde, que não tinha muito. E, então, eles ouviram uma bela voz vindo do castelo, chegaram mais perto e viram-na trancada naquele castelo enorme. Logo depois, estavam tentando resgatá-la, mas a parede do castelo era bem grossa.

Ficaram lá por dias tentando libertá-la, martelando sem parar, até que um dia eles conseguiram, com muito esforço. Os dois homens se apaixonaram por ela, queriam conquistá-la, mas ela não sabia com quem ficava. Passou-se um tempo, e os dois se encantavam mais por ela, até que o homem vaidoso perguntou:

— Quer casar comigo?

— Não sei - disse ela, com dúvida.

— Fique comigo, porque eu tenho tudo que você precisar, como um castelo maior, dois barcos, empregados, cavalos, muita terra e eu te amo — explicou o homem vaidoso.

— Por quê?

— Você é linda!

Então, mais tarde, Eliza fez uma caminhada pelo bosque e não sabia onde estava indo, só queria caminhar, não tinha destino. No caminho, encontrou o homem humilde, ele queria dizer uma coisa muito importante, e não exitou e disse:

— Quer passar a vida comigo?

— Você me ama por que eu sou linda? — ela pergunta, querendo uma explicação decente.

— Não, você é linda porque eu te amo — ele explica.

Eliza aceitou, porque sabia que é melhor ter um amor verdadeiro do que objetos sem valor. E os dois viveram felizes para sempre.

JOÃO GUILHERME PEREIRA WEBER CORRÊA

Em uma casinha do interior de São Paulo, moravam dois garotos, juntamente com sua avó Carla, eram eles: Fernando e Felipe. Os dois sempre saíam em busca de novas aventuras em seu tempo livre, afinal, dentro da casa de sua avó, eles não tinham muito com o que brincar e se divertir. Os garotos juntavam seus amigos, jogavam bola e brincavam de esconde-esconde, entre diversas outras brincadeiras.

Certo dia, depois da escola, os garotos combinaram com Pedro e Paulo que iriam até uma casa abandona que Paulo descobriu na noite anterior, os garotos iriam se encontrar na Praça Joses Weverton.

Após a aula, Felipe e Fernando passaram brevemente em sua casa, apenas para montar sua mochila, assim estando preparados para qualquer incidente. Pegaram lanterna, fósforo, uma garrafa de água e uma arma de brinquedo, caso aparecesse algum monstro. Os garotos se encontraram na Praça e foram em direção à casa abandonada. Chegando perto, avistaram coisas estranhas ao redor da casa, o mato estava na cintura de Pedro, que não era baixo não, não havia nenhuma luz sequer no local, o que causou medo em Fernando, que não era muito corajoso. Quando chegaram na frente da casa, os garotos brigaram pra ver quem ia na frente, e quem perdeu foi Felipe, logo atrás dele vinha Pedro, Paulo e, por último, Fernando, que não era muito corajoso.

Subindo os degraus da entrada da casa, um som horrível de madeira podre ecoou pelos seus ouvidos, os meninos ficaram com muito medo. Abrindo a porta, ela fez um som de arrepiar, parecendo que um fantasma estava ali. Os meninos decidiram se separar em dois grupos: Felipe e Pedro, Fernando e Paulo, cada um foi para um lado. Felipe e Pedro foram para o que parecia uma sala de jantar, enquanto os outros meninos foram para a “suíte” da casa.

Quando Felipe e Paulo entraram no quarto, perceberam uma coisa assustadora, havia dois esqueletos deitados na cama, como se fossem um casal dormindo, porém não eram apenas esqueletos, pois, após entrarem no quarto, os esqueletos levantaram-se e foram em direção aos meninos. Os dois saíram correndo e gritando para que saíssem da casa, porém, instantes antes, o outro grupo, de Felipe e Pedro, encontraram dois fantasmas almoçando na cozinha e ouviram sua conversa:

— Paolo, acho que entrou alguém aqui — disse o fantasma que aparentava ser uma mulher.

O outro fantasma pareceu assustado com a fala de sua companheira:

— Mas como cê acha isso, Francesca?

Os dois garotos que estavam na cozinha saíram correndo da casa e se encontraram com o outro grupo de meninos. Sem pensar duas vezes, eles saíram correndo e foram às respectivas casas.

Fernando, quando estava voltando para casa, juntamente com Felipe, acabou tropeçando em uma pedra e caindo. De repente, tudo ficou preto, e Fernando ouviu uma voz ecoando pela sua cabeça: era a professora de matemática, mandando ele acordar e não dormir na aula.

JOÃO PEDRO
BITTENCOURT
CALIL

No município de Serro Azul, um monstro chamado Hagnar aterrorizava a população da cidade, assombrando todas as pessoas da região.

Isso já estava se tornando famoso na cidade, pois estava saindo em todas as fontes de mídia. Então as pessoas se uniram para pegar o "monstro". Sabendo que a criatura só atacava crianças, a população fez uma armadilha com uma "isca", atraindo o bicho misterioso para uma praça pública, onde eles o capturaram.

A criatura vestia uma máscara preta e tinha o corpo coberto de pelos; além de tudo, ele tinha um cheiro muito forte de enxofre. Quando eles foram tirar a máscara do bicho, ele saiu voando.

E até agora, ninguém sabe o que aconteceu com a criatura misteriosa, as pessoas de Serro Azul nunca mais ficaram sabendo do bicho e também não sabem quando ele pode voltar.

KAUAN SARTOR DE SOUSA

ARCHERO

Há muito tempo, em um mundo diferente do nosso, havia diversas raças que guerreavam em busca do domínio continental. Entre essas raças, havia os Humanos, os Arcadianos (uma espécie parecida com humanos, mas com grandes e bonitas asas), os Drumons (plantas vivas que odeiam os humanos pelos maus tratos à natureza), os Queóps (seres reptilianos especialistas em sobreviver no deserto seco) e os Elfos.

No reino dos Elfos, quando se faz 15 anos, você escolhe um ofício, para, então, colaborar para o reino. Mas os mestres de ofício, que são veteranos naquela profissão, precisam aceitar os novos integrantes, avaliando-os.

Em uma casa simples da cidade de Raje, perto da capital Kalahari, vivia um menino de cabelo negro, olhos vermelhos e orelhas pontudas, que sonhava em se tornar um elfo guerreiro. Seu nome era Keyés. Keyés foi trazido à casa de uma senhora 15 anos atrás, onde cresceu e esperou ansiosamente por esse momento, seu aniversário de 15 anos.

— Tchau, mãe, estou indo! — diz Keyés.

— Tchau, Keyés, se cuide, menino! — diz Anyango, mãe adotiva de Keyés.

Ao fechar a porta, Anyango chora, pois sabe como o menino será discriminado no mundo lá fora.

Keyés, então, começa a sua jornada atrás do seu lugar no ofício dos elfos guerreiros, que ele tanto admirava. Ao passar por uma feira na capital do reino élfico, Kalahari, o jovem pensa em comprar algumas maçãs para comer no caminho.

— Olá, quanto custam essas maçãs? — Perguntou o menino.

— Não te interessa! Saia logo daqui, seu elfo negro nojento! Não está vendo que está espantando os meus clientes?! — gritou a vendedora.

— N... Não, m.... mas eu só queria umas m...

— Vá embora!! — gritou novamente a mulher.

Keyés não entende nada, então continua sua caminhada até o castelo de Beehemont, onde será designado a um ofício.

Chegando lá, Keyés depara-se com diversos outros jovens desejando entrar em diversos ofícios, como o ofício de cozinheiro, escritor, modelo, enfim, era como uma profissão no nosso mundo. E, caso você não conseguisse entrar em algum ofício, você se tornava um simples camponês.

— Oi, eu sou o Morgarath, e você?

Surpreso, Keyés responde:

— Ah, oi, prazer, eu sou o Keyés.

— Eu vou querer entrar no ofício de literatura, para qual ofício você vai?

— Eu quero ir para os elfos guerreiros.

— Nossa, que coragem, um elfo negro querer esse posto, bem, eu acredito em você!

— Er... bom, obrigado.

— Eu já estou pensando em uma história incrível! Mas os personagens serão humanos, você pode me dar uma dica de um nome?

— Claro, eu conheço alguns, o personagem é menino ou menina?

— Na verdade, tem os dois.

— Então... que tal Paolo... e Francesca?

— Perfeito!! Muito obrigad...

Ao ver a cara de espanto do amigo, Keyés se vira e fica admirado.

— São os mestres de ofício!!

— Bem, boa sorte, Morgarath.

— Digo o mesmo, parece que o teste não será fácil.

Os mestres de ofício param na frente das crianças eufóricas com sua chegada. Sir Mungabi (mestre do ofício dos elfos guerreiros) grita:

— SILÊNCIO!!

Todos os presentes no local se calaram no mesmo instante.

— Quem quiser o ofício de elfo guerreiro, me siga.

Keyés, junto a uma multidão, tanto de meninos quanto de meninas, seguiram-no.

Depois de diversos e árduos testes, eles voltam para onde estavam antes de os mestres de ofício chegarem, enquanto esperam se foram aprovados ou não.

Então, depois de um longo tempo, o Sir Mungabi chega na frente de Keyés. Keyés já esperava um sim do mestre de ofício, pois havia sido um dos melhores tanto nos testes físicos quanto nos testes mentais.

— Keyés Éstwe Nysix. Você reprovou!

Essas palavras doeram mais que uma espada atravessando seu peito.

— Mas por quê?! Me desculpe falar, mas acho que você está cometendo algum erro!

— Ah, é?! E qual erro seria?

— Bom, deixando a modéstia de lado, eu fui um dos melhores nos testes, por que eu iria reprovar?

— Isso é verdade, mas v...

— Viu, não tem motivo para me reprovar.

— NÃO ME INTERROMPA, SEU MOLEQUE!

— ...perdão, Mungabi.

— É SIR Mungabi para você, seu elfo asqueroso! Mesmo você indo bem nos testes, nós nunca iriamos aceitá-lo.

— Mas por qu...

— Porque você é um elfo negro!!

— Todos aqui sabem que os elfos arianos, os loiros, com olhos azuis, são os verdadeiros elfos! Vocês, elfos negros, cabelo preto, olhos vermelhos, são só uma subespécie suja que tenta ser igual a nós!

Então... Keyés, com lágrimas nos olhos, diz:

— Eu vou ser um camponês?

— Sim, você vai! A não ser que algum mestre aqui presente gostaria dessa espécie estúpida no seu ofício.

— Então, tô esperando, ninguém?

Um silêncio perturbador se inicia...

— Bom, garoto, contente-se com a vida de um reles e inútil camponês!!

Então, uma voz se levanta no meio do silêncio:

— Eu o quero no meu ofício!

Todos, então, olham para uma figura ao fundo.

— Halt? Você quer ele no seu ofício de arqueiros?

— Eu não gosto muito do nome arqueiros, eu prefiro...

— Archero!

CONTINUA...

A Ana é uma menina simples, com uma família muito alegre, atenciosa e compreensível. Tem os olhos castanhos meio esverdeados, tem o cabelo comprido e castanho. E o corpo! Hum! Nem se fala, aquela é a menina mais linda que eu já vi em toda a minha vida!

E eu, um menino rico sem nada a oferecer, apenas dinheiro, o que os meus pais acham o mais importante. Na verdade, não me lembro da última vez em que fizemos uma refeição juntos; meu pai é um empresário muito ocupado, e minha mãe é uma médica profissional extremamente competente. Eu entendo eles, não é fácil dar atenção para mim e para a minha irmã, com esse tanto de coisa pra fazer, mas eu queria que eles demonstrassem mais amor e carinho.

E minha relação com a Ana já passou da amizade faz tempo. Eu lembro quando ela começou a estudar no colégio porque ganhou uma bolsa de estudos. Um dia ela fez um texto sobre Paolo e Francesca e me mandou um bilhete dizendo que queria que o nosso amor fosse igual a uma história romântica famosa. Com o tempo, fomos nos aproximando, e hoje faz 9 meses e 6 dias desde o nosso primeiro beijo. Pode parecer estranho, mas eu sou louco por ela, não do tipo "quer namorar comigo", eu sou do tipo "Vamos nos casar, ter um cachorro e quantos filhos Deus nos permitir! Ter uma casa na praia e ser feliz". E eu sei que ela pensa o mesmo. Eu tinha achado o amor da minha vida bem cedo, e me permiti ser feliz apenas com 15 anos de idade.

No entanto, tudo isso iria acabar. Minha mãe foi convocada para trabalhar na França, e amanhã estaríamos partindo bem cedo para lá. Eu estava muito nervoso, confesso, vi a Ana hoje, e prometemos que, quando eu terminasse a faculdade, voltaria pro Brasil e pediria a mão dela em casamento. Não quis pensar muito nesse assunto, não estava preparado para deixá-la pra trás e recomeçar em uma cultura muito diferente. Já pensando nisso, fui dormir. Estava exausto e adormeci em poucos segundos.

Como o tempo passou voando! Foram 7 anos morando na França, voltei para o Brasil com 22 e fazia 8 meses que eu não visitava a Aninha, e, dessa vez, a volta era definitiva. Antes de ir para o aeroporto, passei na loja e peguei o anel que eu tinha encomendado, um anel de diamantes, na cor preferida dela, lilás. Quando eu a vi, fiquei sem folêgo.

Teria como a mulher mais linda do mundo se tornar mais linda ainda? Ela estava usando um vestido amarelo, com um sorriso inocente no rosto. Como eu senti falta de suas covinhas! Fiquei louco por ela mais uma vez e me lembrei como eu era sortudo por ter uma mulher assim, que eu conhecia há 8 anos, e, desde a primeira vista, foi amor.

Só que aí eu abri os olhos com o sol entrando pela minha janela. Eu não estava pronto pra passar tanto tempo longe dela.

ELE ESTÁ TE OBSERVANDO

Jailson era um cara estranho, ele vendia sacolé na praia e tinha um amigo que era um porco. O nome do porco era Robsu. Em um dia de 42 graus, Jailson sentiu um cheiro de bacon, e viu um porco deitado na areia “tomando um sol”. Jailson pegou o porco, colocou dentro do isopor que ele guardava os sacolés e o batizou de Robsu. Quando eles chegaram em casa, Robsu acordou e entrou em pânico pensando que tinha sido sequestrado, chutava tudo e quebrava tudo enquanto esperneava.

Depois que Robsu se acalmou, Jailson estava muito brabo, pois o porco havia chutado e quebrado a máquina de sacolés. Mas, no fim, eles viraram amigos, apesar de Jailson guardar rancor por sua máquina de sacolés quebrada.

Eles eram muito amigos, começaram a fazer tudo juntos, era como se Jailson tivesse conseguido um animal de estimação/amigo. Um dia, Robsu acordou após sentir um cheiro de comida, e, quando ele viu, Jailson, pra se vingar da máquina quebrada, estava fazendo bacon para o café da manhã. Mas mal sabia ele que sua vida iria mudar depois desse dia. Robsu fugiu e nunca mais foi visto.

O porco, de alguma forma, conseguiu ficar invisível, e, sem que ninguém percebesse, Robsu estava arruinando as vendas de sacolé de Jailson. Robsu fez alguns ajustes na nova máquina de sacolés que Jailson tinha comprado, e, agora, a máquina, em vez de fazer sacolés de fruta, fazia sacolés de vários sabores estranhos, como carvão, poeira, mofo e outras coisas que não deveriam virar sacolés. Jailson vendia seus produtos sem saber de nada, mas as vendas começaram a cair: o lucro diário diminuiu de 50 reais para 10 centavos. Enquanto isso, Robsu assistia e ria ao ver o fracasso de Jailson.

PAOLO E FRANCESCA VERSÃO 2020

Paolo é um cara esperto (está mais para um nerd) e adora ir trabalhar em sua empresa. Ele vivia trabalhando duro, dia e noite, e sempre conseguia atingir metas e ganhar prêmios gigantes para sua empresa. Ele era, sim, um bom trabalhador.

Certo dia, enquanto Paolo trabalhava, ele percebeu que havia uma mensagem em sua caixa de entrada. Era de uma pessoa misteriosa, sem foto de perfil, sem Facebook, nem nome tinha. Paolo foi ver a mensagem, que dizia: "Caro Paolo Marquinhos Joséfio de Andrades da Silva, sempre observei seu trabalho pesado e, pelo seu interesse nele, sempre observei que você nunca deu bola para as coisas ruins e só olhava para um futuro bom, sempre observei sua dedicação e 'blá blá blá'".

Paolo ficou curioso sobre isso e, imediatamente, retornou, mandando uma mensagem direta: "Quem é você exatamente e como assim 'Sempre observei você'? Por acaso você tem câmeras no meu escritório e na minha casa? Por acaso está invadindo minha privacidade? Se eu estiver certo, vou te processar!!!".

Mesmo Paolo agindo feito macho, ele ainda tinha medo de que poderia ser alguém como naqueles filmes de terror, que te sequestram e te levam para um quarto escuro e vazio e te torturam depois. Então, depois de alguns dias, Paolo recebeu uma resposta, que dizia: "Ha ha ha, não se preocupe, não tenho câmeras em lugar nenhum, não estou invadindo sua privacidade e sou só uma mulher que te admira muito, por isso queria muito te ver pessoalmente, será que você poderia?".

E Paolo respondeu, imediatamente, dizendo: "ESTÁ LOUCA!?!?!?! VOCÊ SÓ ME RESPONDEU DEPOIS DE 2 MESES E AGORA ESTAMOS EM ÉPOCA DE CORONAVÍRUS!!!!!!!" (Note que Paolo está em pleno março de 2020). Paolo estava agitado, porque ele achava que aquela mulher tinha um computador da idade medieval por não responder a tempo (guarde o medieval, ele será importante, pois aparecerá de novo!).

Com o tempo, eles começaram a se dar bem, ganharam o hábito de sempre se falar e até dar boa noite um para o outro. Então, finalmente, a época de coronavírus passou e tudo tinha voltado ao normal, exceto uma coisa: sua empresa havia sido destruída. Como Paolo ficava só no "zap zap" com a mulher misteriosa, ele não se ligou muito bem nas notícias, e, quando viu o estado da sua empresa, já era tarde e começou a chorar.

A mulher misteriosa viu o estado de Paolo e logo enviou uma mensagem, que dizia: "Paolo, vi sua empresa destruída e fiquei muito triste, por isso, te convido a vir me visitar, só estenda a mão e diga: ABRAÃO!". Paolo estranhou a mensagem, mas a ouviu e repetiu as exatas palavras da mensagem. Por algum motivo, Paolo se sentiu estranho e, quando foi ver, estava em um túnel interdimensional do espaço tempo que o levou para a idade medieval (Viu? Falei que iria aparecer de novo!), e então desmaiou.

Quando Paolo finalmente abriu os olhos, estava em uma casa, deitado em uma cama, num quarto normal. Resolveu se levantar e abriu a porta do quarto para ver onde estava. Quando foi ver, estava na casa de uma bruxa, com morcegos mortos dentro de containers, pernas de rã secando na janela e um caldeirão, no meio da sala. Paolo se aproximou e percebeu tudo: aquele era um caldeirão que mandava e recebia mensagens de vários dias e anos diferentes, no qual observou as mensagens dele. Quando Paolo observou tudo, ele viu seu perfil, com foto, nome e todas as suas informações e, finalmente, entendeu por que a mulher era tão formal e estranha, porque era uma bruxa que conversava com ele.

Depois, ouviu uma porta abrindo e viu a bruxa, o que o deixou assustado e com medo, mas, quando finalmente olhou para a face dela, viu que era uma linda mulher, apaixonando-se por ela. A mulher olhou para Paolo e também se sentiu atraída, e, quando finalmente se olharam, olho no olho, ela explicou quem era. Disse que se chamava Francesca Barcelona Frufruzete Barboza e também explicou onde eles estavam, tornando tudo compreensível para Paolo. E então Paolo disse: "Francesca... E agora... O que fazer?". Francesca respondeu com um sorriso:

— Viver juntos, eu acho... Com isso, eles foram se conhecendo melhor e, finalmente, tiveram um relacionamento, casando-se, tendo filhos e vivendo felizes para sempre.

Então, digamos que foi mais ou menos assim que se iniciou o romance Paolo e Francesca.

FIM!

Eu dormia confortavelmente na minha cama, tão calma. A semana foi bastante puxada, cheia de provas, e eu merecia um descanso, estudar não é fácil.

Estava tudo indo muito bem, bem até demais na verdade, meu sono era profundo... Até que meu celular começa a tocar, e não era o despertador, nem poderia, pois lá fora estava na escuridão, então eu vejo as horas. Quem liga às três da manhã de um pleno domingo?

Irritada, pego o celular e vejo que era Hyunjin, meu namorado. Estamos juntos já faz 9 meses, ele sabe melhor do que ninguém que odeio ser acordada.

Mas obviamente que o fato de ser meu namorado não me deixou menos irritada, ainda mais por ser chamada de vídeo. Atendi, assim vendo seu rosto sem um pingo de sono. Tinha uma expressão assustada, e eu, vendo sua expressão, me preocupei.

— Hyunjin, que cara é essa? — eu pergunto, com medo de algo ruim ter acontecido.

— Eu estou ouvindo uns sons estranhos — ele fala, sussurrando, como se tivesse medo de que alguém o ouvisse.

— Hyunjin, não brinca com esse tipo de coisa! — eu exclamo para o garoto do outro lado.

— Shiuu! — é a única coisa que ele consegue falar antes que tudo fique branco.

Acordo em um lugar estranho, com uma dor na cabeça, como se a tivesse batido. De longe, vejo meu namorado de costas para mim, mas ele não me responde, nem ao menos se mexe. Então, decido ir até ele, boto a mão em seu ombro e, quando ele se vira, não era o rosto que estava lá, ele tinha um sorriso que ia até suas orelhas, com dentes afiados, olhos azuis, que me lembravam o mar.

Eu saio correndo. Quando olho para trás, para ver se ele estava me seguindo, ele não está mais lá, e, quando olho para frente, para voltar a correr, o espírito me impede. Com o susto, acabo caindo para trás e batendo minha cabeça.

Eu acordo gritando, olho para os lados e vejo que estou no meu quarto. Quando, do nada, meu celular começa a tocar: vejo a tela e era meu namorado.

Suspiro aliviada, por tudo isso ter sido um grande sonho...

PIETRO MUTTI MEDEIROS

O MUNDO SECRETO

Era uma vez uma menina que se chamava Francesca, ela morava em uma cidade que se chamava Santa Maria. Todas as sextas-feiras depois da aula, ela almoçava em seu colégio, pois, à tarde, ela treinava basquete no time do colégio, e, depois, voltava para sua casa.

Certo dia, a menina, logo que acabou de almoçar, foi comer um sorvete. No caminho, havia uma reforma, um grande buraco estava aberto no meio da rua. Distraída, Francesca deixou cair uma nota de vinte reais do seu bolso. Assim que ela foi tentar pegar sua nota, ela resvalou e...TUUUUMMM!!! Todos que estavam em volta ficaram aterrorizados, a menina havia caído dentro do buraco!

Francesca estava com muito medo, dentro do buraco, ela gritava: "SOCORRO!!! ALGUÉM PODE ME OUVIR?!!.." Até que... a menina consegue enxergar dois pequenos pontinhos no fim de um túnel escuro. Ela perde o medo e se aproxima cada vez mais e enxerga um longo nariz verde e um par de orelhas laranjas. A menina, com receio, pergunta: "QUEM É VOCÊ?"

Uma luz reflete e ela consegue ver o rosto da criatura! Espantada, ela grita: "MEU DEUS!!! É UM MONSTRO!!!"

A criatura, assim que viu a menina tão aterrorizada, tenta lhe explicar quem ele era: "CALMA, EU NÃO SOU UM MONSTRO, SOU UM DUENDE!"

A menina começa a se acalmar, pois não via maldade nele: "PRAZER, EU SOU A FRANCESCA E VOCÊ É?"

Ele responde: "O MEU NOME É PAOLO".

O tempo passou e, depois de muita conversa, Paolo fala para a menina que só não mora na cidade junto com a população por causa do preconceito que iria sofrer. A menina ficou triste por ele e decidiu que ela tem de sair daquele buraco junto com seu amigo duende. Depois de muitas horas tentando sair, eles conseguem!!! E então todos da cidade aplaudem!! E outros começam a rir do duende, então a menina, braba, fala: "QUAL É O PROBLEMA? VOCÊS JULGAM NO OUTRO AQUILO QUE FALTA EM VOCÊS: UM BOM CORAÇÃO!"

RAFAELA MILESI MACIEL

O BROCHE

Após uma longa semana de aula, um jovem foi para casa. Chegando lá, avistou um velho idoso sem moradia em frente a sua casa, que lhe perguntou:

— Posso passar a noite em sua casa? Está muito frio para passar a noite na rua.

O jovem, com pena, deixou o velho entrar. Eles logo jantaram e foram dormir.

No dia seguinte, o velho não estava mais lá, mas havia deixado uma caixa como forma de recompensa ao jovem. Ele abriu a caixa e viu um broche de metal e uma carta. A carta dizia:

"Querido jovem, este não é apenas um simples broche, ele tem poderes bem maiores do que você pode imaginar."

O jovem, intrigado, pega o broche e, ao encostar nele, foi parar em uma outra dimensão, em um sinistro castelo. Assustado, jogou o broche no chão e, instantaneamente, voltou para sua casa. O jovem colocou o broche na caixa e saiu à procura do velho para lhe perguntar o porquê de ele haver dado o broche.

Após horas, ele não conseguiu encontrar o velho em lugar algum e decidiu voltar para casa. Ao chegar, abriu a caixa, pegou o broche e voltou ao castelo. Quando chegou lá, avistou uma bela mulher que estava acorrentada na torre do castelo.

A moça avista o jovem e imediatamente implora:

— Me solte, por favor!

O jovem responde:

— É claro, mas quem é você? Quem acorrentou você aí? E que castelo sinistro é esse?

A moça respondeu:

— Me chamo Francesca. Fui aprisionada aqui por Malatestino, o Zarolho. Esse é o castelo dos irmãos Malatesta.

O jovem soltou a bela moça e ela agradeceu:

— Muito obrigado, jovem, agora vou atrás de Paolo, meu grande amor.

Após soltar a bela moça, voltou para casa. Ao chegar em casa, o jovem acorda e descobre que tudo aquilo foi apenas um sonho.

O jovem se levantou e foi até a sala, o velho estava lá, dormindo no sofá. O jovem o chamou para o café da manhã e contou ao velho sobre seu sonho. Logo depois o velho se despediu e foi embora.

O RELÓGIO

Em um dia muito chuvoso, Paolo trabalhava em uma estância no interior, onde ele era o capataz. Ele namorava uma mulher muito linda e charmosa chamada Francesca, ela ficava na cidade sozinha, esperando os finais de semana para se encontrar com o seu namorado, pois todos os finais de semana Paolo ia à cidade.

Até que, em uma dessas idas à cidade, Paolo sofreu um acidente na estrada enquanto estava dirigindo. Ele bateu o carro muito forte em um poste e, infelizmente, entrou em coma. Todos pensavam que ele tinha morrido, até que um dia ele acordou em uma maca sem entender nada.

Todos perguntavam a ele: "Oi, tudo bem?", inclusive Francesca (sua namorada), mas Paolo não os reconhecia. Todos ficaram preocupados e fizeram testes, e os médicos falaram que ele havia perdido sua memória.

Sua namorada, muito triste, começou a pegar todas as coisas que os conectava e foi até o hospital e mostrou-os a ele, na tentativa de ele lembrar dela. Porém, não deu certo, até que um dia Francesca achou um relógio. Paolo era loco por ele, ele falava que o relógio foi o espírito da sua mãe que deu a ele. Francesca levou-o até ele. Quando ela mostrou a ele, ele logo falou: “Oi, amor” e morreu. Agora, ela conta que todos os dias ele aparece em forma de espírito para falar com ela.

O FINLANDÊS E O CARRO

Em um dia coberto de neve, como de costume na Finlândia, um jovem viajante, chamado Kimi, estava em sua cabana de inverno, planejando a sua próxima expedição. Nela, havia uma garagem e apenas dois cômodos pequenos, o banheiro e o quarto. No quarto, havia uma mesa de madeira muito antiga, na qual Kimi realizava seus planejamentos. Nas paredes da sua pequena cabana, muitos mapas estavam pendurados, e, marcados com alfinetes, muitos pontos de expedições por toda a Escandinávia.

Após algumas semanas de planejamento, o viajante preparou uma mochila e uma pequena bolsa que seriam utilizadas para carregar seus pertences e mantimentos durante toda a sua expedição. Ele havia decidido que a rota da viagem teria 793 km, percorrendo desde a sua cidade de Rahula, no sudeste da Finlândia, até a cidade de Furuögrund, no nordeste da Suécia. O meio de transporte da sua viagem seria o seu próprio carro, que estava estacionado na sua garagem.

Ao terminar os preparativos, Kimi vestiu o seu gorro, calçou as botinas, pegou a mochila e a bolsa e saiu da sua Cabana. Do lado de fora da cabana, havia uma pequena área cercada e, ao seu lado, estava a garagem. Quando ele abriu a garagem, lá estava a sua "joia rara", o Mercedes 280 SE, de 1982. O carro possuía uma cor um tanto incomum, roxo com tonalidade de vinho, e que deixava o carro brilhante na luz do sol. O veículo estava coberto com uma capa para preservá-lo. Quando Kimi tirou a capa do carro, este buzinou duas vezes para ele, como se o tivesse cumprimentando. O jovem assustou-se e não entendeu o porquê de o carro ter buzinado, mas ignorou o ocorrido e, como de costume, entrou no carro, colocou o cinto de segurança, deu a partida e saiu em viagem.

Durante o percurso, o viajante tirou várias fotografias das paisagens da Finlândia, com suas enormes lagoas congeladas, montanhas e árvores cobertas de neve para completar seu álbum de viagem. Durante a noite, Kimi avistou a aurora boreal, e aquela vista ficou eternizada em sua memória como uma vista que foi de tirar o fôlego. Após horas na estrada escurecida, o jovem parou em um hotel-garagem para passar a noite.

Ele dormiu dentro da sua Mercedes, que o acordou a buzinadas ao amanhecer. Kimi, espantado com aquilo, saiu do carro e abriu o capô para ver se havia algo errado, mas ele se fechou sozinho logo após. Muito assustado, o rapaz decidiu ignorar o ocorrido e saiu andando em direção a uma cafeteria, que ficava logo do outro lado da estrada, para tomar seu café da manhã. Dentro da cafeteria, Kimi sentou-se em uma banqueta em frente ao balcão e esperou para ser atendido, quando, de repente, uma moça se sentou ao seu lado e o cumprimentou. Após uma longa conversa, o rapaz perguntou à moça:

— De onde você vem?

— Eu venho de uma cidade chamada Båtvik, na Suécia — disse a moça, chamada Astrid.

— Sério? Eu estou viajando para uma cidade no nordeste da Suécia, chamada Furuögrund — disse Kimi, surpreso. Após, perguntou — E o que você faz aqui na Finlândia?

— Eu vim para a Finlândia para estudar, mas, nesta época de férias, eu não tenho nada para fazer. Quando eu me formar, voltarei para casa — disse ela.

— Você sente muitas saudades da sua família e de casa? — perguntou o jovem.

– Sinto, por quê? – perguntou ela, curiosa.
– Porque eu poderia dar-lhe uma carona, caso queira – ofereceu Kimi.
– Se não for incômodo, sim, eu aceito! – disse Astrid, feliz.

Após terminarem o café, os dois seguiram juntos em direção ao carro do rapaz.

Quando eles chegaram, a Mercedes não estava mais lá. Kimi, muito preocupado e assustado com aquela situação, procurou incansavelmente pelo carro e encontrou-o em um posto de gasolina, sozinho. Quando chegou lá, o veículo abriu sozinho a tampa do local de reabastecimento e o porta malas, para que Astrid botasse a sua mala. Depois que o jovem o abasteceu, decidiu nomear o carro. Pensou e pensou em um nome e chegou à conclusão de que iria chamá-lo de Mika. Como sinal de que gostou, Mika buzinou três vezes e abriu as portas para que Kimi e Astrid entrassem.

Quando eles pegaram a estrada, Mika começou a dirigir sozinho, deixando os dois jovens livres para conversarem tranquilamente. Durante o percurso, os dois se apaixonaram e, então, viajaram colados um no outro, como Paolo e Francesa.

Parte II

No dia seguinte, ao passar por um quebra-molas na estrada, Mika acaba acordando Kimi. Ainda surpreso com o fato de que seu carro tinha vida, o jovem começou a conversar com o automóvel que, para concordar, buzinava duas vezes, e, para discordar, acionava o limpador de para-brisa. Logo após Astrid acordar, os três decidiram parar em uma lanchonete na beira da estrada, junto a um posto de gasolina, para que, assim, os três pudessem se alimentar. Kimi abasteceu o Mika e então dirigiu-se para a lanchonete acompanhado da sua mais nova parceira.

Entediado com a espera e sem avisar o seu dono, o carro foi fazer um pequeno passeio pela região e, no meio do caminho, descobriu uma estrada de terra que serviria como atalho até o seu local de destino e, após, voltou para o local em que estava esperando. Quando os dois jovens saíram de dentro do restaurante, Mika conseguiu fazer com que Kimi entendesse o que queria dizer e, então, ele concordou em pegar o atalho.

Na metade do caminho e ainda na mesma estrada de chão esburacada, o clima mudou rapidamente e uma chuva forte fez com que a estrada de terra virasse uma estrada barrosa e, de repente, as rodas de Mika emperraram e a água entrou por debaixo do capô do motor, danificando-o. Kimi saiu do carro, embaixo de chuva, para tentar consertá-lo, mas não enxergava muito com toda aquela água e, então, decidiu esperar a chuva passar com a Astrid dentro do carro. Os dois comeram sanduíches e tomaram refrigerante na janta.

No dia seguinte de manhã, a chuva havia passado e a terra ainda estava um pouco úmida, mas não barrosa. Kimi tentou dar a partida, mas Mika não pegava de jeito nenhum. Durante uma hora de espera, os jovens não tinham mais esperanças, até que um carro parou para ajudá-los. De dentro de um March saiu um homem barbudo e baixinho, Kimi foi logo falar com ele e pediu por sua ajuda e, sem sequer pensar duas vezes, o homem respondeu positivamente.

Durante o conserto do carro, Kimi perguntou ao sujeito qual era seu destino que, por mera coincidência, era o mesmo que os jovens estavam fazendo. Felizes eles passaram a noite todos juntos. Na madrugada, Mika e o March chamado Mary se apaixonaram e, depois, passaram o restante da viagem andando lado a lado, rumo ao destino.

Paolo e Francesca viviam um romance no ano de 1953, em uma cidade pequena na França. Fazia anos que estavam juntos, Francesca cuidava da casa e conversava com outras donas de casa. Se sentia muito só e não tinha filhos. Paolo era dono de uma grande joalheria da cidade.

A vida nesta pequena cidade era sempre a mesma rotina. Acordar, trabalhar, voltar para casa, dormir. O casal não tinha grandes amigos ou mesmo costumava sair. Paolo trabalhava bastante na joalheria, e a coisas não estavam indo bem. Ele voltava para casa muito cansado e triste por não conseguir melhorar a condição do casal.

Nesse dia a dia sem muitas alegrias, Paolo dizia a Francesca que não queria filhos. Ela sempre quis ter filhos para ter companhia em casa. Adorava crianças. Desanimada, Francesca começava a entristecer muito, mas o sócio de Paolo, Miguel, que era solteiro, estava sempre próximo, conversando com ela. A atenção que ele lhe dava ajudava a passar os dias.

A joalheria faliu, Paolo desconfiou que Miguel, seu velho amigo e sócio, havia lhe roubado o lucro, e planejava fugir com Francesca. Na desconfiança de Paolo, resolveu visitar Miguel. Chegando na sua casa, encontrou Francesca, o que acabou de confirmar o que ele desconfiava. Furioso, ele puxou o revólver da cintura, acertou Miguel no peito. Ainda possuído pelo ódio, matou Francesca, seu grande amor, e, por fim, deu fim à própria vida. O amor e o ódio são um limite perigoso.

VICTOR EDUARDO DA SILVEIRA VALLAU

UMA VIAGEM NO TEMPO

A Francesca mudou de cidade, com seu marido Paolo e sua filha, para uma casa antiga onde morou um menino que tinha morrido de acidente. No entanto, antes disso, ele deixou o seu passado registrado em uma filmadora, que ficou guardada em um local dessa casa, em cima de uma TV antiga, numa sala secreta.

Na primeira noite que Francesca passou na casa, acordou com um som e foi verificar e, pelo barulho, achou a TV nessa sala secreta. Ela estava ligada. Nela, aparecia um menino chamado Tiago, pedindo socorro. Como ela ficou surpresa e apavorada, acabou fazendo contato, por meio da câmera e do televisor, com o mesmo local há vinte e cinco anos atrás, ou seja, com Tiago, antes que ele morresse. Como conseguiu falar com Tiago, ele contou a história que tinha acontecido com ele: tinha descoberto um assassinato de sua vizinha pelo marido e, ao tentar fugir dele, acabou atropelado e morrendo.

Como Francesca entrou no mundo dele, acabou interferindo no seu passado. Quando Tiago estava fugindo, ela gritou e avisou do carro, com isso, ele não foi atropelado, mas ela acabou alterando também a sua própria vida. Perguntava da sua filha e do seu marido Paolo, e ninguém conhecia, pois ela estava em outra época. De repente, a TV se ligou novamente, e Francesca voltou para seu momento atual, com seu marido e sua filha.

BEATRIZ BENDER CARVALHO

NA CASA DA VIZINHA

Eu estava na porta da casa da minha vizinha, acompanhada da minha mãe. A minha vizinha tem uma filha que é minha colega. Enquanto esperávamos alguma delas abrir a porta, fiquei observando como a casa era bonita. Era uma casa moderna, toda branca, o telhado era reto, com uma piscina na frente da casa e a grama recém cortada. Escutei um barulho me tirando daquele momento de transe admirando a casa, era a porta se abrindo.

Quando a porta abriu, deparei-me com a minha colega, nós nos abraçamos e entramos na casa, passamos pela entrada e chegamos até a sala. Eu já estava com saudade de visitar aquela casa, mesmo que eu tivesse ido lá na semana passada. A sala delas era linda, com as paredes cinzas, quadros com desenhos coloridos que eu não conseguia entender, uma mesa de centro de vidro com um kit de chá sobre ela, uma televisão preta gigantesca, várias bonecas espalhadas pelo canto da sala, uma poltrona cinza escura (na qual a minha vizinha estava sentada) e um sofá combinando com almofadas coloridas que davam um contraste na sala. Então, nós sentamos no sofá, minha mãe, eu e a minha colega. Nossas mães logo se abraçaram, a minha vizinha serviu chá à minha mãe, e elas começaram a conversar sobre um trabalho de escola que teríamos que fazer, sobre a história de “Paolo e Francesca”.

Logo, a minha vizinha interrompeu o assunto e disse para a gente passar para o quarto da minha colega. Esta abriu um sorriso, me chamou para entrar e disse que nós não estávamos brincando no quarto dela nas últimas semanas porque ele estava em reforma, mas que agora já estava pronto. Depois de subir as escadas para o segundo andar e passar por um corredor cheio de fotos da minha colega em quadros gigantes, nós chegamos ao quarto dela. O quarto estava muito, mas muito bonito! Eu nem conseguia reconhecê-lo! Ele era um quarto todo rosa, com um armário bem grande, um espelho e várias prateleiras cheias de brinquedos. Mas isso não era o que mais me encantava, mas sim sua cama. Tinha uma cama normal embaixo, mas era em formato de um castelo. E tem mais: você tinha de subir uma escada para chegar ao segundo andar da cama, e ali em cima havia várias casas de boneca, e, caso você não quisesse descer pela escada, havia um escorregador!

Ela subiu as escadas da sua cama e me chamou para subir também. Acho que ela viu como eu havia adorado todas aquelas casas de boneca, e logo deu a ideia para a gente brincar com elas. E eu aceitei, claro.

Nós passamos horas brincando. Brincamos de boneca, no escorregador, de escola, de fadas, de mercado e muitas outras coisas! Se eu fosse citar tudo, daria um parágrafo de cinco linhas inteiro!

Na hora que estava comprando morangos no mercado, foi quando escutamos nossas mães brigando no andar de baixo e paramos imediatamente a brincadeira.

A cada segundo que se passava, elas gritavam mais alto. Elas estavam gritando palavras horríveis! Mas as coisas começaram a piorar, eu olhei para a minha amiga, e vi que ela estava quase chorando, e eu a abracei. Ela começou a falar, no geral, eu não entendia nada, pois ela estava chorando, mas das poucas palavras que entendi, ela dizia que não conseguia e não queria acreditar que era sua mãe falando aquelas coisas. Eu também não queria acreditar que era a minha mãe falando aquele tipo de coisa, mas disse para ela que eu estava ali para ajudá-la e que nada iria acontecer enquanto eu estivesse ali.

Enquanto ainda estávamos abraçadas, nós nos assustamos ao escutar um barulho de algo quebrando. Logo após isso, escutei alguém pisando muito forte no chão, vindo em direção ao quarto. Era a minha mãe, ela abriu a porta com força e falou, enquanto puxava meu braço, que precisávamos ir embora. Quando saímos do quarto da minha colega, minha mãe bateu a porta do quarto e fez um barulhão! Eu olhei para trás e vi minha amiga abrindo a porta e correndo atrás de nós. Eu e minha mãe descemos as escadas quase correndo, e minha mãe nem deu tchau para a minha vizinha. Enquanto estávamos saindo, só consegui ver a minha colega tentando sair de casa para vir junto com a gente, mas sua mãe a estava segurando e fechando a porta.

Nós fomos para casa, sem dizer nem um piu. Apenas quando entramos em casa, minha mãe me disse, claramente envergonhada, que era para eu subir pro meu quarto. Eu não contestei e apenas obedeci. Eu me sentei na minha cama e fiquei olhando para casa da minha amiga, tentando entender o que havia acontecido. Mas meus pensamentos foram interrompidos por um barulho vindo do quarto dos meus pais: minha mãe estava chorando. Eu bati à porta e entrei no quarto deles. Meu pai estava viajando, e minha mãe tentou secar as lágrimas rapidamente quando eu entrei. Eu perguntei o que havia acontecido, ela me disse que elas estavam conversando e acabaram discordando em algumas coisas, mas a briga acabou sendo muito mais séria do que o necessário. Nenhuma das duas queria assumir o erro, então ambas começaram a apelar para o lado pessoal, o que acabou fazendo a briga ficar séria. Eu dei um abraço nela, combinamos de fazer uma surpresa para a nossa vizinha como pedido de desculpas, e acabei dormindo por lá mesmo.

Acordei com o barulho de algo caindo no chão, fui me arrastando com muito sono para a cozinha para ver o que estava acontecendo. Quando cheguei, senti um cheiro delicioso, minha mãe estava fazendo bolo! Quando minha mãe percebeu que eu estava ali, me deu bom dia e disse que aquele bolo não era para mim, e sim para a nossa vizinha. Me decepcionei um pouco, pois queria muito comer aquele bolo, mas fiquei orgulhosa de a minha mãe estar se desculpando.

Finalmente, o bolo ficou pronto. Arrumamo-nos e saímos de casa para pedir desculpas a nossa vizinha. Nós saímos de casa, e me deparei com a minha amiga acompanhada da minha vizinha, com um pudim de chocolate na mão. Nossas mães se assustaram, pois não esperavam o encontro. Elas pediram desculpas uma para a outra, e minha mãe as convidou para entrar. No início, ficou com um clima meio ruim, um certo silêncio, mas, quando reparei, já estávamos todas tomando café da manhã juntas, conversando e rindo muito.

CAMILA PANCRACIA GIMENEZ SILVA

O MISTERIOSO ANEL

Após a faculdade, Laura, uma garota apaixonada por contos de drama e mistério, sempre ia para a biblioteca. Nesta tarde, não foi diferente. Lá, a garota encontrou um livro muito curioso de histórias de amor, sangue e drama e levou-o consigo.

Sentou-se debaixo de uma árvore muito antiga. Começou a ler o livro, até que lhe chamou atenção uma página muito misteriosa. Nela, tinha ilustrado um lindo anel, e Laura nunca tinha visto um anel como aquele, brilhava como o raio do sol e levava grafado o nome de duas pessoas: Paolo e Francesca. A garota pôs-se a pensar: "Quem seriam eles?" e "Por que estariam relacionados a um livro de tanta dor e sangue?"

A garota depara-se com uma imagem de uma mulher dizendo a ela:

— Este anel é lindo, não é? Foi meu noivo que o fez, ele tinha derretido uma herança muito antiga de ouro e o fez, mas, ao final, não conseguimos nos casar, foi um desastre.

Laura, tão curiosa, continua lendo o livro para conseguir respostas.

A mulher, enfurecida, fala:

— Você não vai querer saber essa história. Por favor, pare de ler! Este livro nem era pra estar nas mãos alheias, ele tem segredos sombrios e tristes!

Porém, a garota continua lendo, e a mulher resolve contar a trágica história:

— Meu noivo, Paolo, após fazer o anel, colocou-o em meu dedo, e eu, Francesca, adormeci para sempre. Parece que eu fiquei trancada nos meus próprios pensamentos, fiquei trancada no meu diário, este livro que você está lendo. Esse foi o início de uma maldição e, para eu ser libertada, só se este anel servir nos dedos de alguém infeliz no amor.

Quando desaparece a imagem da mulher, Laura vê o anel em seu dedo.

CAMILI BRUM DA SILVA

O REENCONTRO

Na grande cidade de São Paulo, morava uma viúva chamada Francesca. Ela vivia uma vida solitária desde que seu noivo, Paolo, havia falecido: ela não gostava de sair, não gostava de falar com ninguém, e a única coisa que ela queria era poder reencontrar Paolo. Ela, com certeza, não vivia mais uma vida saudável, e sim uma vida completa de tristeza e remorsos, mas, como não gostava de falar com ninguém, ela guardava seus sentimentos para si mesma, fazendo assim com que, cada vez mais, acumulasse sentimentos ruins. A cada dia que passava, ela pensava maneiras de ter seu noivo de volta.

Ao longo dos dias, ela sempre chegava à mesma conclusão, que a única maneira de reencontrar seu noivo era indo para o mesmo caminho que ele, o da morte. Além disso, como ela não falava com ninguém e não possuía mais contato com seus familiares, pensava que, se morresse, ninguém sentiria sua falta, mas tinha medo de que, mesmo assim, não reencontrasse seu noivo. Ela acredita que, quando as pessoas morrem, poderiam ir tanto para o lado bom do céu como também para o lado ruim. Ela tinha certeza de que Paolo havia ido para o lado bom, pois ele foi um homem de bom coração a sua vida inteira.

O tempo foi passando e, no dia 22 de dezembro de 2011, faria dois anos que seu noivo havia falecido. Esses dois anos foram o tempo necessário para ela pensar se iria tirar sua vida para poder reencontrar seu noivo, e, como já era de esperar, ela havia decidido que iria tirar sua vida, sem mais nem menos. E então, no dia 22 de dezembro de 2011, ela se jogou de sua sacada e, quando estava caindo, avistou seu noivo que havia falecido entrando no prédio. Ao vê-lo, ela deu um grito muito alto que o noivo olhou para cima e avistou sua noiva caindo e, então, ele foi segurá-la antes de ela cair.

Após pegar sua noiva, Paolo fala para ela:

— Eu voltei e agora tudo será como antes.

Ela, sem entender, e assustada, começa a chorar e pergunta para ele: “Você não havia falecido?” Ele, então, explica para ela que, na verdade, ele tinha recebido uma proposta secreta com a qual ganharia muito dinheiro, mas, para isso, não poderia contar a ninguém e deveria fazer com que todos pensassem que ele havia falecido. Ele só voltou dois anos depois, pois era o tempo que ele precisava para ganhar todo o dinheiro que havia sido prometido. Além disso, Paolo também disse a ela que só havia aceitado essa proposta para que ele pudesse dar a ela uma vida que ela merecia, por ser a mulher mais incrível que ele havia conhecido.

Ela, sem entender muito a situação, ficou feliz, depois de muito tempo de tristeza, por ele estar ali, pois ela, agora, voltaria a ter uma vida contente com quem ela tanto amava. Então, os dois subiram para o apartamento e conversaram até a hora de dormir. Eles só queriam matar a saudade e, quando já estavam deitados, ela fala pra ele que a vida que ela queria não era uma vida cheia de dinheiro, e sim uma vida com ele ao lado dela.

Em meio a sons de pessoas conversando, cadeiras arrastando e portas abrindo, uma garota de cabelos negros estava sentada em uma mesa, lendo um livro, enquanto saboreava um pequeno cupcake. Após acabar de comer, resolveu dar uma olhada em seu relógio, faltavam alguns minutos para as 15h. Então, resolveu juntar suas coisas e ir pagar a conta.

Ao finalizar o pagamento, saiu da cafeteria, andando em direção a sua casa. Quando chegou lá, guardou suas coisas em seus respectivos lugares. Até que, repentinamente, ao abrir uma gaveta, avistou um livro levemente empoeirado. Então, a garota fez o que qualquer pessoa curiosa faria: pegou o livro, colocando-o em cima de uma mesa.

Retirou o pó e, logo em seguida, abriu o tal livro. Então notou que, colado na contracapa do livro, havia um recado, escrito por um certo alguém chamado Paolo.

"Cuidado..."

"Por que eu precisaria tomar cuidado com um livro?" A garota se questionava, intrigada, já que era meio peculiar alguém pedir para tomar cuidado com um simples livro. Resolveu apenas ignorar o aviso, já que poderia ser alguma simples brincadeira sem graça.

Folheou as páginas do livro, até chegar a uma página específica. Nessa página, ela encontrou um fio de cabelo dourado. Na tentativa de tentar pegar o fio, acabou perdendo-o por culpa de uma forte brisa que veio da janela ao lado, acompanhada de minúsculas gotas de água.

Percebeu que, do lado de fora, estava chovendo; levantou-se, indo até a janela e fechando-a. Entretanto, quando se virou de volta para a mesa, o livro não estava mais lá. E, ao se aproximar, viu uma nota com o recado borrado, mas a assinatura era legível:

"Francesca".

CESAR AUGUSTO
FLORES FILHO

O MENINO

Em uma quarta-feira, um menino chamado Tulio estava muito ansioso para poder jogar no seu computador, pois havia uma competição de um jogo chamado de LOL. Tulio já estava pronto para começar a jogar o seu jogo favorito.

Às 22h o campeonato começou, e Tulio estava muito concentrado. Depois de um tempo, Tulio começou a ouvir alguns barulhos, mas não ligou muito para isso. Os barulhos seguiram e Tulio começou a se preocupar.

Em um momento do jogo, Tulio escutou um grito, saiu de seu quarto e começou a andar pela sua casa. Ele não encontrou nada e, depois disso, Tulio foi para o seu quarto e voltou a jogar em seu computador.

Em seguida, Tulio estava muito concentrado no campeonato e escutou um barulho estranho em seu quarto, mas, mesmo assim, continuou jogando. Tulio sentiu alguém encostar nas suas costas. Na hora em que Tulio se virou, seu amigo estava atrás dele com uma faca na mão e o matou sem que ninguém tenha percebido.

CLARA VAZ
FORTES DE ARAÚJO

SOL E LUA

Era o início de mais um dia no Reino Élfico. Jeonghan, o príncipe, acordou cedo, como de costume, e logo se aprontou para aquele dia entediante. Sua rotina nunca mudava, sempre vagava por aí, à procura de algo interessante, ou melhor, à procura de humanos. O garoto sempre teve um certo encanto pelos seres de orelhas pequenas e, em sua maioria, de cabelos curtos e escuros.

Quando saiu de seu quarto, foi direto ao jardim do castelo, cumprimentando alguns elfos que passavam por ali. Sorria minimamente para todos. O jovem príncipe não gostava de socializar, tampouco com seres que sabia muito bem como eram.

Jeonghan, mais conhecido como Aranel em seu reino, era um rapaz de cabelos longos e platinados. Não é um rapaz de muitas amizades, e seu sorriso é sempre visto como debochado. O príncipe irrita-se facilmente, mas ainda assim é uma boa pessoa. Um de seus hobbies era observar os humanos de longe. Às vezes, sentia raiva deles, sem motivo, o sentimento apenas surgia e logo ia embora, mas, independente do que sentia, Jeonghan ainda os achava interessantes.

Por fim, sentou-se sobre uma rocha, um pouco longe de onde morava, no Lago da Divisa, começando então a fazer pequenas esculturas de gelo. O garoto esperava que alguém de fato interessante aparecesse ali para que pudesse ao menos conversar. O príncipe sempre ia até o lago, confiante de que humanos apareceriam, mas a única visita que recebia era a de alguns animais.

Os pensamentos do elfo estavam aéreos, seu corpo poderia estar ali, mas sua mente e alma encontravam-se em outro lugar. Já fazia algum tempo que havia parado de brincar com o gelo que fazia sair de suas mãos. Deitou-se sobre a rocha, passando a olhar o céu. O dia estava lindo ao seu ponto de vista, o Sol radiante como sempre, tudo estava perfeito. Enquanto viajava em seus pensamentos aleatórios, sentiu um par de olhos o observando de longe. Voltou a sentar-se na rocha, olhando ao redor, procurando descobrir quem tanto o encarava. Logo deparou-se, de longe, com um rapaz que aparentava ser um humano e, na visão do jovem príncipe, o rapaz era extremamente bonito. Sem dúvida alguma, aquele era o homem mais belo que Jeonghan já havia visto.

O príncipe queria aproximar-se do humano, mas temia que este teria medo de si e saísse correndo, afinal, seu próprio nome, Aranel, já dizia de onde ele vinha e por que era tão importante para o Reino Élfico. Ele era a estrela do Rei, a esperança do povo. Ele era o mais forte e poderoso dentre todos do Reino, seu nível de poder ultrapassava até mesmo os de seus pais.

Jeonghan suspirou fundo incontáveis vezes e, por fim, decidiu que iria até o rapaz. Era encantado pelos seres com físico, cultura e costumes totalmente diferentes do seu.

Caminhou até o homem, parando nas margens do Rio da Divisa, permanecendo em seu território, ficando frente a frente com o outro, fitando seus olhos.

— Quem é você e por que tanto me olha?

O humano, encantado pela voz sutil do elfo e por sua beleza surreal, demorou um pouco para respondê-lo. Quando percebeu que ele o questionava, deu um passo para frente, também permanecendo na margem do rio.

— Me perdoe se isso o incomodou, não foi minha intenção observá-lo por tanto tempo — o rapaz curvou-se, fazendo uma pequena reverência ao elfo. — Chamo-me Choi Seungcheol, vim do reino dos humanos e sou um dos líderes do Exército Real, ajudante de Paolo, o Conselheiro Real e guarda-costa da Princesa Francesca. Peço que não tenha medo, não lhe farei nada — na tentativa de ganhar a confiança do outro, sorriu. O homem queria mostrar-se amigável. — Se sentiu-se desconfortável, peço-lhe, mais uma vez, o seu perdão. Não consigo conter-me com o belo — disse, de forma sincera. Seungcheol, o cavaleiro, não gostava de esconder o que pensava e sentia. Também não desperdiçaria sua chance com o outro a sua frente. Não era sempre que encontrava alguém tão elegante quanto aquele elfo.

O príncipe, surpreso com a forma gentil que o humano proferiu as palavras, tão belas quanto o dono delas, não deixou de sorrir minimamente. Seus olhos se encontraram aos dele, estes tão brilhantes quanto uma constelação. Jeonghan encontrava-se admirado com o humano a sua frente. O elfo nunca havia ficado tão fascinado por alguém como ficou com o mero mortal diante de si.

— Seungcheol, seu nome é bonito, e você não me incomodou, apenas fiquei surpreso em ter alguém me olhando por tanto tempo – afirmou ao rapaz e sorriu, ao saber que ele o achava belo.

Resolveu então atravessar o Rio da Divisa, parando em frente ao humano, fitando suas enormes orbes, pensando em como nunca o havia encontrado antes. — Chamo-me Yoon Jeonghan, ou Aranel, como preferir. Sou filho do Rei e da Rainha dos elfos, príncipe de Lórien. — O jovem aproximou seu rosto ao do cavaleiro, observando mais de perto os detalhes da face bem esculpida do outro. Então, pôs-se a caminhar ao redor do rapaz, voltando a ficar na frente dele novamente, fazendo com que seus olhares se cruzassem mais uma vez. — O que você quer de mim, hum?

— Não sei se realmente poderei dizer o que desejo de ti. É algo profano, um nobre como tu não merece ouvir-me proferir pecados, então, pensemos assim: apenas descansei meus olhos sobre a tua imagem, Príncipe, e se quiseres algo vindo de mim, não o negarei.

Ao ouvir o que Seungcheol tinha a lhe dizer, um sorriso formou-se nos lábios de Jeonghan, seus olhos chegaram a radiar como os raios do Sol, e seu coração acelerou em seu peito. O elfo fitou brevemente os lábios do cavaleiro e imaginou como seria beijá-los, como seria ter aquela boca aparentemente macia tocando sua pele e como seria ser o motivo daquele sorriso. Jeonghan não fazia ideia do que estava acontecendo consigo, mas sabia que era algo profundo e agradável. Sua mente dizia para que ele parasse, aquilo causaria grandes prejuízos aos dois, mas seus coração dizia para continuar, persistir e deixar-se levar pelo doce som da voz de Choi.

— Estás a me cantar, cavaleiro? Um rapaz tão esbelto e extraordinário como tu, articulando tais palavras. Jamais imaginei que algo assim fosse sair de tua boca – proferiu o elfo, enquanto se aproximava mais uma vez, levando sua mão até a bochecha do outro. Os rostos estavam tão próximos que qualquer movimento poderia fazer com que seus lábios se tocassem. Ao perceber o que estava fazendo, Jeonghan se afastou.

Seungcheol, por sua vez, sem pensar duas vezes, sem hesitar, levou uma de suas mãos até a cintura do príncipe, trazendo-o novamente ao seu encontro. Sua mão encaixava-se tão bem na curvatura que parecia ter sido feita para segurar o local.

— Príncipe, sou mais astuto do que imaginas. Queria eu ter mais modos para dirigir-me a ti, mas tua graciosidade estonteante fez minha razão cair no mais profundo Sono de Morfeu. Não me importo em cometer pecados, eu diria, a vida seria exclusa de emoções se não houvesse heresia.

— Devo lhe dizer, tu és um tanto formoso, meu nobre cavaleiro. Posso dizer que tu és a perfeição de Deus, entretanto, o que um rapaz tão estupendo como tu venha dizer a mim tais palavras, propondo-me a cometer pecados juntamente a ti? Tenho a certeza de que nossos reinos desaprovariam tal ato vindo de gente tão solene como nós.

Dito isso, o príncipe desceu o olhar para os lábios rosados de Choi. Umedeceu os próprios lábios e, novamente, seus olhos encontraram os dele. Levou uma de suas mãos até a nuca do rapaz e aproximou ambos os rostos, dando-lhe um breve selar. Jeonghan sentia-se desejado por ele e também o desejava. A temperatura de seu corpo aumentava, e o elfo sentia que a qualquer momento poderia desmaiar de pura adrenalina. Por fim, sem conseguir conter-se mais, o príncipe selou seus lábios aos dele. Naquele momento, Jeonghan queria apenas deixar-se levar pelos encantos do cavaleiro. Se o elfo soubesse que beijá-lo seria tão bom, teria feito antes, mas o que importava era que o que ambos tanto desejavam estava acontecendo, estava se tornando real.

Bom, aquilo foi real até Seungcheol acabar com o beijo. Antes que o príncipe pudesse voltar a juntar seus lábios, sua visão tornou-se escura e, antes que tudo sumisse, Jeonghan viu a Lua nos olhos do cavaleiro. Foi então, naquele curto espaço de tempo, que o rapaz percebeu que seu encontro com o outro não foi apenas sorte, foi o destino. O Sol, esquecido dentro de si, brilhou mais forte do que nunca, aqueceu seu corpo da forma mais reconfortante. Seungcheol era a sua Lua, e Jeonghan não deixaria o anoitecer escapar por entre seus dedos. O Sol e a Lua estavam destinados a se encontrar, essa era a profecia.

Quando a visão do elfo, por fim, tornou-se um completo breu, e o som da natureza transformou-se no mais alto silêncio, Jeonghan acordou. Aquilo tudo fora apenas um sonho. O corpo agitado, a mente confusa, o príncipe não sabia mais no que acreditar. Em um pulo, o jovem levantou de sua cama e correu para fora de quarto, depois para fora do castelo, até chegar no jardim. Tudo estava em seu lugar, a rocha, as árvores, o rio.

Jeonghan procurou, olhou ao redor e, como em seu sonho, lá estava ele, parado do outro lado do rio, encarando-o. Seus olhares eram diferentes, seus corpos imóveis transmitiam a mesma sensação, e as lágrimas derramadas expressavam os mesmos sentimentos. Enfim, Sol e Lua encontraram-se no mais belo eclipse, na mais bela dança dos céus. A profecia estava completa.

Paolo Garcia Pinto era um detetive muito renomado de Llanfairpwllgwyngyllgogerychwyrndrobwllllantysiliogogogoch, no Reino Unido, que resolveu vários crimes, como o caso da morena do banheiro e da chuca da Barbie assassina. Mas, com o tempo, vem a idade e a velhice, então, aos 73 anos, ele foi diagnosticado com Corongavírus, um vírus que limita e tem chance de parar momentaneamente todos os movimentos da pessoa.

Em um certo dia, sua médica Francesca lhe disse para ficar em casa, pois seus movimentos poderiam ser cortados a qualquer momento, mas Paolo não lhe deu ouvidos e foi trabalhar. Paolo, já em seu carro, estava dirigindo bem contente quando seus movimentos pararam e ele não conseguia se mexer. Logo, não conseguia virar a direção e, então, sofreu um grave acidente. Paolo acordou em seu escritório, na delegacia, e deu uma olhada para si mesmo e pensou:

— Há! Eu estou bem, aquilo deve ter sido da minha cabeça.

Porém, ele olhou para sua volta e seu escritório estava completamente vazio. Então, já que era um detetive, foi fazer o que qualquer bom detetive faria: investigar a situação. Dando uma olhada no lugar, Paolo percebeu que ali não havia nenhum vestígio de seus colegas, até parecia que estava sonhando. Paolo achou aquilo muito estranho e foi dar uma olhada na sala de seu chefe, pois achava que o dia era de folga e teria ido à delegacia por engano. Como seu chefe estava sempre na delegacia, até em feriados e folgas, Paolo foi investigar.

Chegando lá, viu que nem seu chefe estava presente, e isso lhe deixou em pânico. Ele começou a achar que estava louco e que aquilo, de fato, era da sua cabeça, mas, de repente, seus movimentos pararam de novo e Paolo espatifou-se no chão da sala de seu chefe.

Quando acordou, não estava mais na delegacia, estava dentro de sua casa, em sua cama. Paolo levantou-se prontamente da cama, achando que tudo aquilo de acidente e delegacia deserta fosse um sonho, afinal, acordou em sua casa, na cama. Até que, quando abriu a janela, viu que o sol tinha desaparecido.

E, como era de se esperar, sem sol é o mesmo que sem luz. Foi aí que ligou a televisão da marca Sem sunga (marca fictícia que eu criei) e leu a seguinte mensagem:

ATENÇÃO! PARA SUA SEGURANÇA, TODOS OS CIDADÃOS DEVEM FICAR EM CASA TRANCADOS COM TODAS AS LUZES APAGADAS E SEM FAZER BARULHO. POR NENHUM MOTIVO ABRA A PORTA PARA ALGUÉM NEM SAIA DE CASA.

Isso deixou Paolo perplexo, pois ele não entendia o que estava acontecendo, mas, sem teimosia, obedeceu ao aviso.

Porém, a paranoia de Paolo estava mais forte, a todo momento olhava para a janela e via luzes vermelhas passando. Ele achou que fossem pessoas e, então, abriu a janela e gritou:

— Ei! O que está acontecendo? Cadê o sol?

Foi aí que a luz o avistou e foi atrás dele com um zumbido cada vez mais alto. Então Paolo fechou a janela na hora, e a luz bateu na janela, quebrando-a, mas, de repente, todas as luzes vieram correndo atrás de Paolo, com seus zumbidos perturbadores, e, enfim, o alcançaram.

Dessa vez, Paolo acordou gritando, pois achava que as luzes iriam matá-lo. Ao acordar, estava em uma escada, uma escada familiar, foi aí que se tocou que estava no filme ´´CORINGA``. Então, foi aí que avistou um homem dançando na escada, e era ele, EL Pichula, o coringa. Como o detetive Paolo já havia visto o filme em espanhol, sabia o que ia acontecer. Paolo havia juntado as peças até agora e percebeu que só sairia dos sonhos se morresse; então, sequestrou Frank Murray e botou sua roupa, e, por sorte, os dois eram parecidos e velhos, então foi fácil para Paolo se passar por Murray. Na hora do show do Murray, Paolo agiu e falou tudo o que o Murray real faria e falaria, então, como esperado, Paolo levou um tiro na testa por EL Pichula.

Quando acordou novamente, estava em uma floresta com uma névoa muito densa e, então, Paolo exclamou:

— Não aguento mais isso, quando esta bizarrice irá acabar?!

Foi aí que passou um vulto, e Paolo levou um susto; de repente, o vulto pousou na árvore de costas para Paolo e Paolo tinha certeza de quem era.

— Olha só se não é o famoso terrorista Zabuza Momochi, o demônio do gás oculto - Paolo exclamou.

Só que Zabuza não estava ali para conversa, logo deu uma facada em Paolo, a qual o matou, certamente.

Paolo acordou furioso, gritando:

— ONDE ESTOU AGORA?

Então, enfermeiras foram atendê-lo e lhe informaram que ele havia sofrido um acidente e que estava em coma há duas semanas. Paolo ficou assustado, mas, depois de uma conversa, resolveu aceitar o fato. Quando saiu do hospital, uma semana depois que acordou, escreveu um livro sobre esses sonhos malucos que teve enquanto estava em coma e publicou-o com o título: “A parábola de Paolo”.

HERÓIS

Em uma cidadezinha muito pequena, havia um grupo de heróis que faziam resgates de pessoas e animais. Durante um resgate, um dos heróis ficou contra os amigos, virando o vilão da cidade. Quando o antigo herói foi acabar com os amigos, a represa da cidade estourou e a inundou. A população, apavorada, tentou fugir, mas, para o bem dela, os heróis, com seus super-poderes mágicos, conseguiram evaporar a água, preservando a cidade e as vidas nela existentes.

Passados alguns anos, os amigos descobriram que o vilão não era o seu antigo amigo, mas um morador que não gostava deles. O malfeitor tinha o poder de assumir a forma de qualquer pessoa e, assim, havia enganado os heróis. O antigo amigo, herói e malfeitor, estava desaparecido, então.

Após dez anos, a represa voltou a ameaçar a pequena cidade. Porém, antes de os heróis tentarem ajudar novamente, surgiu uma sombra de uma figura que não era estranha ao grupo. Sem acreditar, o grupo de heróis ficou espantado, pois a sombra era de seu amigo, companheiro de heróis que havia desaparecido. Soletrando palavras mágicas e gestos de poder, ele fez com que a represa fosse consertada e, assim, evitou uma calamidade naquela cidade pequena.

Mas a cidade não estava salva, ainda. O temido e perigoso vilão que não gostava dos heróis ainda estava na cidade, planejando como liquidar com o grupo. Ele havia encontrado um amuleto indígena que drenava o poder do grupo de heróis. Então, o grande dia chegou, e o vilão confrontou os paladinos da justiça. Os moradores viram luzes estranhas no céus, escutaram barulhos de trovões, gritos, socos e muitos sons indecifráveis.

O sol havia sumido no céu da pequena cidade, quando os habitantes escutaram o som de algo sendo arrastado. Com olhar de espanto, os olhos dos moradores viram os heróis arrastando o corpo do vilão pelas ruelas da cidade. Aplausos e mais aplausos foram dados aos heróis, pois o vilão era muito poderoso e havia se disfarçado de prefeito por anos, fazendo a população trabalhar muito e pagar muitos impostos.

Assim, a pequena cidade estava salva, enfim. Os heróis haviam devolvido a tranquilidade e a normalidade à cidade. Não existia mais o que fazer, então, foram embora. Partiram em busca de novas aventuras e de outros lugares para serem libertados de qualquer mal e tirania.

FELIPE HAYASHI DURIGON

A NOITE NO CHALÉ

Um viajante estava cruzando uma floresta de clima frio, com altos carvalhos e pinheiros. Seguia seu caminho apressado, pois logo a noite chegaria. Seu esforço, porém, fora em vão. Os pássaros cederam seu lugar aos morcegos, as estrelas e a lua apareceram ao longe, e a escuridão se espalhou na floresta. O viajante sentia o saco que levava cada vez mais pesado à medida que o cansaço se aproximava.

Ele avistou, após algum tempo, um chalé, aparentemente abandonado. Não gostava de pernoitar nestes, e, geralmente, pedia abrigo e comida por uma noite para alguma família generosa que vivia nas redondezas de onde se encontrava. Porém, desta vez, ele se viu envolto por um mar de árvores e arbustos, com vários dos mais diversos perigos espalhados. Decidiu, desse modo, que não haveria um grande problema em dormir uma vez em uma casa campestre abandonada.

Então se aproximou da casa e logo se deparou com a porta escancarada. Empurrou-a e viu uma pequena casa de um cômodo, com um fogão a lenha, uma cama de casal e duas cadeiras viradas para uma janela. Mas foi quando ele acendeu uma vela que se deparou com uma coisa horrorosa: um corpo, um esqueleto, jazia contorcido na cama, morto em agonia. O viajante se assustou profundamente, de modo que atirou suas coisas para cima e saiu correndo. Mesmo quando se recuperou parcialmente do susto, a ideia de dormir ali desapareceu de sua cabeça. Porém, foi quando ele sentiu o vento cortante e gelado da noite e escutou o longo uivo de um lobo que ele se deu conta de que dormir fora de uma cabana, qualquer que seja, seria suicídio.

Assim, ele regressou ao chalé, pegou o corpo e dirigiu-se ao rio que corria pela parte de trás da casa. Com pressa de se livrar do cadáver, atirou-o no rio e voltou para a casa. Aqueceu o fogão com lenha, cozinhou uma carne de veado que abatera, comeu-a e foi dormir.

Mesmo com a desagradável ideia de dormir em um leito por tanto tempo usado por um cadáver, os olhos do viajante começaram a pesar devido às longas caminhadas, e tudo logo ficou escuro.

Apareceu, como se num passe de mágica, uma mulher. Sua forma era meio indefinida, e ela era branca e reluzia. Somente seu rosto corado parecia expressar algum traço de vida humana. O viajante poderia ter corrido, mas não o fez: não conseguia. A figura se aproximou e disse:

—Vá embora, por favor. Essa humilde casa foi palco de tamanha desgraça, tamanha maldade, que foi amaldiçoada, e uma pessoa que adormece aqui no início da noite e só acorda no amanhecer, levará a peste desta casa consigo para o resto da vida.

A mulher, vendo que o homem não se mexia, insistiu:

—Vá! Salve sua vida!

— Por que — gaguejou o viajante — desconfiado, por que tenho de sair daqui para me salvar?

— É sensato, viajante — respondeu a mulher — *sabe que a vida, às vezes, é traiçoeira. Contarei, portanto, o porquê de todo esse drama.*

— Nasci eu na corte de um senhor, proprietário de terras. O castelo frio e sombrio no qual eu vivia representava minha vida: triste e vazia. Tudo isso só piorou quando minha mão foi prometida, como se fosse um cavalo ou um objeto, para um homem sádico, coisa que seus próprios olhos tratavam de identificar. Então, desde que eu me mudei para a sua corte, minha vida só piorou. Eu era espancada todo dia como se eu tivesse cometido um crime gravíssimo e irreversível. Porém, nem tudo possui somente um lado mau. Após um tempo, um camponês se mudou para as terras de meu marido. Ele não tinha beleza, mas ti-

nha alma e coração. Assim, me apaixonei por ele, e ele por mim, de modo que nos encontrávamos secretamente e de modo proibido, como Paolo e Francesca. Um dia, porém, me cansei dos abusos de meu marido e tramei uma fuga. Empacotei minhas coisas, peguei minhas joias e, com uma corda feita de lençóis amarrados, desci de meu quarto com o auxílio de meu amante enquanto meu marido estava em uma batalha. Pegamos dois cavalos e partimos e, depois de bastante cavalgar, chegamos ao lugar onde meu amante secretamente construiu uma casa, o chalé onde nos encontramos. Vivíamos como nômades, sobrevivendo da caça que abatíamos e das plantas que eu colhia. Um padre muito bondoso nos casou, até mesmo engravidei e tudo parecia transcender felizmente enquanto eu esperava meu bebê.

A mulher suspirou, com os olhos imersos em lágrimas.

— Porém, ah, como nada dura para sempre. Um dia, enquanto meu novo marido caçava, e eu colhia plantas, meu ex-marido e alguns companheiros chegaram à região da nossa humilde casa enquanto caçava. Vi seus olhos que desejavam sofrimento à procura de uma presa. Tentei me esconder, mas subitamente ele me viu, e a presa virou eu. Tentei fugir, mas ele e seus companheiros me alcançaram. Por Deus, o que fizeram! Sufocaram-me no rio gelado, me cortaram por me forçar contra as árvores, me bateram, me derrubaram, me espancaram. Por fim, meu marido sádico pegou sua faca. Eu gritava, mas ninguém escutava. Ele cortou a minha barriga e tirou dela meu bebê, meu bebê nem prontamente formado. Olhou para ele e sorriu, com um grande sorriso. Cortou o meu filho com sua faca e o atirou no rio, rindo. Eu tentei alcançá-lo, mas uma pisada em meu rosto não permitiu. E depois, eles saíram, satisfeitos e risonhos. Não, não me mataram! Deixaram-me para sofrer, com o ventre aberto, no meio da floresta.

— Não foi muito tempo depois que meu marido chegou, ao entardecer. Primeiro, entrou em desespero. Depois, me levou a minha cama, onde eu lhe contei o que eu sofri. Cego de raiva, falou:

— Vou achar seu ex-marido, vou torturá-lo, mutilá-lo e matá-lo!

Mas eu falei:

— Não, por favor! Tente salvar o que restou de mim! Chame um médico! Invista seu tempo em mim, enquanto ainda estou viva, e não em um homem que sempre desprezou.

Foi o que ele fez, mas, após vários tratamentos como sangrias, que só me machucaram, o médico deu o caso como perdido, fez o sinal da cruz, rezou pela minha salvação e foi embora.

Mal ele desapareceu na escuridão da noite, e a Morte chegou. Falou que veio buscar minha alma. Meu marido se colocou entre mim e ela, e implorou para a Morte não me ceifar. Explicou a situação, falou o que aconteceu, até que a Morte retrucou, dizendo em tom severo:

— O equilíbrio deve ser feito. Se o ferimento foi letal, deverei buscar a alma que o sofreu. Senão, todo o equilíbrio e a harmonia do Universo serão rompidos!

— Espere, falou meu marido, desesperado — então, por favor, faça com que quem cometeu esse crime, essa atrocidade covarde e injusta, morra em igual sofrimento que minha esposa. Que seja acidente do destino, peste, batalha, qualquer coisa... — disse meu marido, choramingando.

— Está bem, falou a Morte — sou impiedosa, mas nessa morte foi envolvida tamanha injustiça que irei vingá-los. Assim, lançarei uma praga, uma peste que causa muita dor, muito sofrimento, muita morte. Todavia, tenho uma condição — e apontou para o meu marido — você será o primeiro a ter a peste. Você a carregará até as terras de quem você quer se vingar, liberará sua fúria e deixará todos padecerem —, a Morte sorriu —, para se vingar, para matar quem você odeia, terá de morrer.

Meu marido, embora de coração leve e puro, tornava-se extremamente ofensivo quando atacado ou injuriado, de tal forma que estendeu sua mão à Morte, a fim de firmar o acordo. Embora eu gritasse para recusar, para salvar sua vida, para não desperdiçá-la, para deixar de lado a vingança e a emoção, para esquecer, ele me encarou, bravo, e continuou com a mão estendida. A mão esquelética da Morte segurou a mão dele e sacudiu-a, firmando o acordo. Ela, então, jogou a peste em meu novo marido. Logo depois, voltou-se para mim e, com sua grande gadanha, cortou os laços da minha alma com o meu corpo e me conduziu rumo à eternidade. De lá, vi que o sol já batia com seus raios de amanhecer em nosso humilde chalé, e vi meu marido saindo deste, sem nem enterrar o meu corpo, com pressa de realizar a vingança, indo rumo à morte de muitas pessoas e também da sua.

Esse acontecimento, tomado por vingança e ódio, esse desejo por morte e destruição por quem sempre pregou e espalhou a vida e a construção, esse ato de criar uma peste por pura vingança justo em nosso lar que trabalhamos tanto e tão puramente para conservar, isto tudo amaldiçoou este lugar com um nascimento de uma praga ao anoitecer. Agora, quem passa a noite aqui atrairá a peste para si.

— Mas por que você avisa quem aqui entra? — perguntou o viajante.

— Porque, em vida, não fui má para entrar na casa do eterno sofrimento e desventura, morada do Satanás, mas não fui boa o suficiente para entrar no palácio do descanso e paz eternos, de modo que uma das formas de me redimir é avisando sobre esse perigo que se abala em quem pernoita aqui. Agora, vá, enquanto a praga que nasce em você ainda é reversível.

O viajante acordou no início da madrugada, mas estava meio acordado, meio sonhando. Ele, em desespero, como quem acorda de um pesadelo, caminhou cambaleando até sair do chalé. Não passaria mais um segundo dentro daquele lugar. Não importava lobo que existisse, vento gelado que congelasse ou mesmo ladrão que matasse que convenceria o viajante a dormir lá. Assim, dormiu na floresta que, nesta noite, acolheu-o com prazer.

O viajante acordou com o calor dos quentes raios de sol matutinos e lembrou-se do sonho. Riu bastante, considerando-se tolo por acreditar numa história daquelas. Buscou o saco que deixou no chalé e seguiu viagem.

No meio da trilha, sentiu uma dor no peito.

“Deve ter sido a carne de veado”, pensou...

FERNANDA BELTCHER CASARIN

O ACAMPAMENTO KAUGET

Nas férias, um grupo de amigos se reunia quase toda semana para acampar. Eles deram o nome de "Acampamento Kauget". Esses amigos adoravam ir a esse acampamento e ficar horas e horas conversando e fazendo brincadeiras.

Até que, em um dos acampamentos, o lugar estava diferente, como se alguém tivesse morrido ali, pois havia sangue, mas não tinha corpos. Eles estavam com medo de passar a noite ali, mas pensaram que alguém poderia ter se machucado, nada demais.

Eles brincaram e fizeram as mesmas coisas que sempre faziam, ficaram cansados e foram dormir nas barracas. Um dos amigos acordou no meio da madrugada com barulho de gritos e logo ele acordou o resto dos amigos, todos ficaram com muito medo.

Eles decidiram sair para ver o que estava acontecendo e por que tinha tantas pessoas gritando. Eles estavam indo em silêncio para não assustar as outras pessoas, até que eles veem uma sombra enorme que parecia um urso. Eles saíram correndo e com muito medo.

O urso foi atrás deles, até que caíram em um buraco na terra que estava cheio de aranhas, minhocas, formigas... O urso pulou dentro do buraco e, então, os meninos foram cavando na terra até chegar às estradas. Eles avistaram a van deles, entraram e saíram de lá.

Quando eles estavam voltando, o sol já estava nascendo, e um raio de sol atingiu muito forte o olho do motorista. Com isso, eles despencaram de um penhasco, e então... o menino acordou do seu sonho e contou tudo para os amigos, todos riram e continuaram aproveitando seu dia no Acampamento.

Nosso personagem principal, Sr. Augusto. Ele, como em um dia normal de sua rotina cansativa, acordou e foi direto ao jornal de notícias locais, onde trabalha. Mesmo achando o trabalho monótono, é a única fonte de renda de sua família, então ele mantinha firme o pensamento que, em algum dia, ele conseguiria a tão sonhada promoção, com a qual ele começaria a trabalhar menos e finalmente iria sair do vermelho.

Neste dia em específico, ao chegar à sala de redação onde trabalhava, não encontrou ninguém, tudo estava bagunçado, mas isso não era surpresa, pois seus colegas de trabalho eram mesmo bagunceiros, e, na maioria das vezes, Sr. Augusto era o primeiro a chegar.

Sr. Augusto sentou em sua cadeira e começou a trabalhar em seu computador, por horas a fio. Ele estava tão concentrado em cada letra, em cada palavra que escrevia, que nem percebeu que, mesmo depois de muitas horas, nenhum de seus colegas de trabalho havia chegado. Mas Sr. Augusto continuou escrevendo sem dar importância, foi quando ele começou a sentir uma tremenda enxaqueca e uma tontura muito forte. Um clarão azul veio de seu computador, e Sr. Augusto foi sentindo seu corpo ficar mais leve e mais leve, como se não pesasse nada... De repente, ele se vê sendo literalmente sugado para dentro da máquina, tão rapidamente como um flash de luz.

Sr. Augusto sentou em sua cadeira e começou a trabalhar em seu computador, por horas a fio. Ele estava tão concentrado em cada letra, em cada palavra que escrevia, que nem percebeu que, mesmo depois de muitas horas, nenhum de seus colegas de trabalho havia chegado. Mas Sr. Augusto continuou escrevendo sem dar importância, foi quando ele começou a sentir uma tremenda enxaqueca e:

— Espera um pouco — pensou Sr. Augusto — eu já vivi, pensei e senti exatamente a mesma coisa antes.

De fato, tudo isso já havia acontecido antes. Ele parecia estar preso em um ciclo macabro de acontecimentos, só que, desta vez, Sr. Augusto já não controlava mais suas ações como antes, parecia estar tudo programado, como uma máquina, como um computador. Quando percebeu, foi abduzido novamente por aquela estranha luz.

Sr. Augusto sentou em sua cadeira e começou a trabalhar em seu computador, por horas a fio. Ele estava tão concentrado em cada letra, em cada palavra, que... que aconteceu de novo: Sr. Augusto novamente perdeu o controle de suas ações.

Ele temia o pior, ficar preso nesse ciclo para sempre, como uma máquina sem escolhas, seguindo apenas o sistema, com certeza seria sua eterna maldição. As coisas simplesmente aconteciam, ele não conseguia fazê-las parar, ele não estava vivendo aquilo, estava somente existindo.

Sr. Augusto sentou em sua cadeira e começou... e começou a pensar, será que ele já não vivia nesse ciclo, mesmo antes de entrar nele, será que o sistema não o fazia trabalhar com a promessa de que, se acordasse cedo todo dia e fosse trabalhar, ele conquistaria a tão sonhada promoção, será que aquele já não era seu macabro ciclo?

Viva vivendo, não exista apenas existindo.

A NOIVA

Era uma vez uma noiva, Francesa, que, de repente, perdeu seu noivo, o poeta Paolo, durante uma noite. Paolo morreu repentinamente, na madrugada, deixando sua noiva e sua família. Francesa ficou muito triste pelo fato de Paolo ter morrido sem ela ter percebido e sem ela ter se despedido dele.

A família do poeta decidiu, então, jogar praticamente todas as suas coisas fora, para não terem lembranças. Assim, jogaram suas roupas, seus livros de poemas, suas histórias. Francesa não gostou da atitude da família, pois essas coisas teriam um valor imenso para Paolo, tanto sentimental quantofinanceiro, e acabou brigando com a família de Paolo.

Durante a briga de Francesa com a família de Paolo, a viúva acabou revelando que não aguentava mais fingir um amor que não existia, um sofrimento que era falso. Francesa continuou, dizendo que ela casou com Paolo por total interesse, porque ele era um poeta famoso, que ela já tinha uma pessoa que amava e que a morte dele era a coisa que ela mais queria.

Assim, Francesa recebeu metade da fortuna de Paolo, o que a deixou extremamente feliz. Ela ficou com o dinheiro só pra ela e com seu novo marido. A família de Paolo ficou arrasada com a atitude de Francesa e muito arrependida por ter jogado todas as coisas de Paolo fora.

DESESPERO

Um casal muito apaixonado, que morava na pequena cidade chamada Colônia, no Norte da Finlândia, vivia seu sonho como Paolo e Francesca. Beatriz e Felipe estavam muito felizes, tinham muitos sonhos e planos para seu futuro. Aquele dia parecia como qualquer outro, fizeram tudo normalmente.

À noite, jantaram, olharam um filme e, logo em seguida, foram dormir. Beatriz estava muito agitada e inquieta, isso tudo porque ela estava vendo um cenário de catástrofe. Beatriz via vultos, chamas e destruição. Realmente, o que ela estava vendo era um cenário de guerra.

O casal, na madrugada, acordou tossindo muito, quando abriram os olhos e viram tudo ao seu redor pegando fogo. Ficaram desesperados, não sabiam como sair, pois havia fogo para todo o lado. Se não saíssem em seguida, tudo iria desabar. Quando Felipe olhou para seu lado, percebeu que Beatriz não estava mais lá.

Alguma coisa puxou Beatriz e, por muito tempo, ninguém mais a viu. Felipe faleceu naquela madrugada. Após muito tempo, ela apareceu muito diferente de sua aparência antiga. Durante o tempo que ela estava desaparecida, todos se perguntavam para onde ela tinha ido e se ela iria voltar...

Beatriz, quando voltou, isolou-se das outras pessoas, não tinha contato com ninguém. Seu mundo era apenas ela. Em uma noite de muita ventania, sentiu algo diferente, mas ela não sabia o que era. Parecia que sentia seu marido ali junto a ela, quando veio com o vento uma folha seca e pousou ao seu lado.

Ela pegou aquela folha e sentiu como se estivesse junto a Felipe novamente e, assim, voltou a se lembrar daquela noite em que aconteceu a tragédia. Logo depois, nunca mais viu seu querido novamente. Mas vinha em sua memória lembranças dos dois juntos e dos planos que eles teriam para o seu futuro...

Hina havia acabado de acordar com o som do despertador, mas esperou 5 minutinhos para se levantar. Em sua visão, aqueles 5 minutos haviam passado muito rápido para seu gosto. “Corpo fora da cama e alma na cama”: era exatamente a garota nesse momento. Odiava acordar cedo mais que qualquer coisa, ainda mais sabendo que iria ter um dia cansativo. Depois de se preparar, psicologicamente, para enfrentar o frio da manhã, levantou-se. Por mais que fosse contra sua vontade, ela tinha de ir para a escola, e foi para o banheiro lavar seu rosto. Porém, depois que secou seus olhos, estava em um lugar diferente, não era seu banheiro, era um lugar cheio de árvores, um lago com água cristalina e vários pássaros, nenhum sinal de prédios ou qualquer coisa que havia em sua cidade.

Assustada e confusa, Hina foi em busca de achar alguém por perto, mas nada. Ela realmente estava sozinha por lá? Como isso aconteceu? Esses eram os tipos de perguntas que a garota se fazia desde que chegou ali, mas nada de respostas.

— Está perdida? — falou um garoto que saiu da imensa floresta e foi se aproximando de Hina — Não se assuste, prometo não te machucar.

— Aparentemente — respondeu à pergunta do garoto e ficou encarando-o. Ele não era muito diferente dela, mas havia algo de estranho nele.

"Espera... Asas? Parecem asas de anjo, mas ele não parece ser um" — pensou Hina.

— Que falta de educação a minha, me chamo Ryan — notou que a garoto observava suas asas — Gostou? Elas são bem legais, né?

— Concordo — abriu um pequeno sorriso — Me chamo Hina.

— Por favor, venha comigo — estendeu sua mão para a garota, esperando que ela segurasse.

Como Hina iria negar? Ela estava perdida, e Ryan era sua única esperança de voltar para casa, então segurou na mão do garoto e foi guiada para dentro da floresta. Lá haviam espécies estranhas, nada do que ela via todo dia, e olha que ela já viu muitas coisas estranhas, mas nada era comparado com isso tudo que estava passando.

— Quem é? - disse Hina, esperando a resposta de Ryan.

— Ah, é a Eliza (se prenuncia Elaiza) — deu de ombros.

— Fiz isso para você, Hina — entregou um colar para Hina.

— Obrigada — sorriu, mas estranhou a garota saber seu nome sem nunca tê-la visto em sua vida.

— Eu sei que é estranho eu saber seu nome, mas foi o que escutaram sobre você e essa informação chegou até mim — disse Eliza.

Hina observava o colar com cuidado, o pingente era tão lindo, parecia ser algum símbolo ou algo do gênero, ela havia adorado.

— O que esse pingente representa? — perguntou Hina.

— Sonhos, representa a fantasia e tudo mais — respondeu Ryan, como se fosse algo óbvio.

— Que tal irmos para o lago? — sugeriu Eliza, aleatoriamente.

Como não havia nada para fazer, Ryan e Hina apenas concordaram e foram para o tal lago juntamente de Eliza. Lá eles se divertiram muito, até que Hina sentiu-se meio tonta e saiu do lago, sentando-se na sombra.

— Tá tudo bem, Hina? — falou Eliza, enquanto caminhava em direção a onde Hina se encontrava.

— Me sinto um pouco tonta...

— Ryan, venha aqui — pediu Eliza, no seguinte instante.

— Escute bem o que vou dizer — falou Ryan, em um tom calmo, quando chegou perto de Eliza e Hina.

Por mais que quisesse prestar atenção no que o garoto iria dizer, não conseguiu, apenas ficava escutando zunidos e um barulho estranho, ou melhor, parecia um despertador.

— Não se esqueça de nós! — exclamou Eliza.

Antes que pudesse fazer qualquer coisa, Hina acordou assustada em sua cama; não estava mais na floresta com seus novos amigos, estava em casa. Foi direto para o banheiro lavar seu rosto, mas nada aconteceu, ainda estava lá no banheiro.

"Que sonho confuso e estranho..." — pensou a garota.

Arrumou-se e tudo mais, indo para a escola antes que o sinal batesse e, ao chegar lá, encontrou sua amiga e ficaram conversando até a aula começar.

— Que colar bonito — disse Sophia, a amiga de Hina, enquanto apontava para o pingente – O que esse símbolo significa?

— Ah, o colar? — olhou para onde Sophia apontava e lá estava ele, o colar que Eliza havia lhe dado — Significa sonho, essas coisas.

Aquilo tudo havia sido um sonho ou não? O que realmente aconteceu? Era o que Hina ficou se perguntando durante o dia inteiro e não iria esquecer de jeito nenhum por tudo que ela, aparentemente, passou. Prometeu a si mesma que iria descobrir o que estava acontecendo e que nunca iria se esquecer de Eliza nem de Ryan, muito menos tirar seu colar.

JOÃO ARTUR FONTANARI KRAUSE

O POMBO E A CARTOLA

Sempre, no final de todos os anos, minha avó faz uma “surpresa” ou pede para que os netos (eu, meus irmãos, três primos, quatro primas e um sobrinho, quando a família está completa) façam algo planejado por ela. No ano passado, ela nos pediu para fazer um “show de talentos”. Eu já sabia o que fazer, mas não fazia a menor ideia de que não sairia como planejado.

Eu sempre fui atraído pelo mundo do ilusionismo, mas nunca fiz nada além de truques com cartas, então decidi que iria realizar truques mais clássicos, como o coelho na cartola. Porém, como não tínhamos coelho nenhum, eu tive de fazer com um pombo. Fui pedir ajuda para minha prima “do meio”, ela estava lendo um livro intitulado “Paolo e Francesca”. Eu pedi a ela ajuda com a preparação de alguns truques, incluindo o pombo na cartola, e ela disse que depois de terminar seu livro (era uma história de amor) iria me ajudar.

Enquanto ela lia, eu fui procurar um pombo para fazer o truque, tarefa que não se mostrou um desafio, já que um pombo se voluntariou em troca de um pedaço de pão. Logo depois, minha prima se juntou a mim para treinarmos o pombo, estranhei a extrema facilidade que tivemos treinando o pombo, mas resolvi não reclamar.

Depois de um longo dia (que deveria ter sido mais exaustivo), chegou a hora do “espetáculo”. A ordem dos atos seria a seguinte: equilibrismo, mágica, malabarismo, teclado e arremesso de facas (que ótima ideia!).

Quando a minha vez chegou, eu já estava pronto para realizar o truque do pombo, mesmo com as sombras escuras e grotescas que, aparentemente, não pertenciam a ninguém dos meus lados, como se tivessem me observando. Quando fui tirar o pombo do compartimento embaixo da mesa, ele não estava lá, mesmo com a tampa completamente fechada. Na hora, eu disfarcei com uma piada (“parece que ele desapareceu”) e então pulei para os próximos truques, mesmo me perguntando onde estaria o pombo.

A constante pergunta em minha cabeça foi respondida durante o último ato, logo após o momento em que uma das facas acertou a parede em vez do alvo, então o pombo saiu aparentemente de lugar nenhum, pousou na cabeça do arremessador e soltou tudo o que tinha comido durante o dia no lugar escolhido. Logo após isso, ele levantou voo e causou a maior confusão na sala onde estávamos. Quando acabou sua demonstração de habilidade, ele pousou na minha frente (eu era o único que tinha uma mistura de vergonha com raiva estampada em meu rosto, pois todos os outros estavam gargalhando) e me olhou como se me desafiasse a alguma coisa, então reparei na sombra que ele tinha: não era uma sombra de pombo, isso eu sabia com certeza. Fiquei observando o animal que tinha a imagem de um pombo voar para longe, desejando que nunca mais se aproximasse de mim.

JOÃO PEDRO DE MELLO PADOIN

O ASSASSINATO DO PAOLO

Paolo e Francesca iriam se casar, eles estavam felizes como nunca, formavam um casal lindo. Porém, foi nesse dia que Francesca descobriu que ele a estava traindo. Foi sem querer, ela estava indo vestir seu vestido quando viu seu marido em um canto com outra, foi nesse momento que ela enlouqueceu.

Francesca sempre foi uma boa pessoa, mas, no fundo, ela tinha problemas psicológicos, como a psicopatia. Nesse momento de ver seu marido com outra, ela o desbloqueou de sua prisão mental. Em seguida, antes de casar, ela comprou um veneno para ratos, planejando colocá-lo em grande quantidade na bebida de seu marido para ele ter uma morte horrível.

Eles se casaram, se beijaram e, na hora de tomar a sua bebida, Francesca botou o veneno, mas ele não fez efeito esperado, porque ela colocou pouco. No dia seguinte, ela fez o café da manhã e despejou o veneno na torrada e no suco de seu marido. Meia hora depois, ele começou a passar mal e ficou assim pelo resto do dia até morrer.

No dia seguinte, ele foi enterrado e, percebendo o que ela fez, ela lê um livro para se consolar, o livro que seu marido lia com ela. Foi nesse momento que ela viu o seu fio de cabelo que o seu marido tinha deixado ali para marcar a página. É nesse momento que ela pensa em se suicidar da mesma forma que matou seu marido, com veneno de rato. Ela se matou... Levou horas e foi muito doloroso. Ao chegar ao céu, deus a amaldiçoa por ter matado o seu marido e a aprisiona no livro que seu marido lia para ela, Assim, ela pagaria pela eternidade, até que alguém pegasse seu fio de cabelo e o devolvesse.

Paolo e Francesca eram melhores amigos fazia alguns anos, e, um dia, Paolo sugeriu para Francesca para eles irem ao bosque para procurar sua comida do dia, pois eles moravam no meio do campo e eram muito pobres. Eles foram para o campo, pois eles queriam ter paz na sua vida e também porque suas mães eram muito amigas, já que eles eram vizinhos.

Eles moravam em uma casa bem pobre e davam muitas despesas para a família, que já tinha pouco, e então eles decidiram sair de casa e ir morar juntos no meio do bosque que tinha perto da cidade, para que as suas famílias pudessem viver melhor. Eles construíram, no meio do bosque, uma casa bem simples de madeira e galhos que acharam na floresta.

Voltando à parte que eles iriam atrás de seus alimentos, eles foram caçar algum bicho ou pescar algum peixe do rio que havia ali perto. Depois que eles voltaram, Paolo decidiu contar à Francesca que havia uma parte daquele bosque que era encantada, a qual tinha unicórnios e vários outros animais. Francesca ficou muito animada e falou para Paolo que ela queria muito ir até aquela parte do bosque, só que Paolo falou que o caminho até lá era muito perigoso, pois era muito escuro e sombrio.

Francesca fingiu ter entendido, mas foi só o Paolo dormir que Francesca decidiu ir até lá. Andou, andou e chegou até a parte que Paolo havia falado que era perigosa. Ela pensou em desistir, mas ela já havia andado tanto que não valeria a pena sair de lá, então ela tomou coragem e foi quando ela começou a atravessar no meio daquelas árvores. Então, ela percebeu que não era nada demais e que não havia do que ter medo, pois eram só árvores tristes e, quando passava por elas, ela via aquele campo com aquele céu azul cheio daquelas coisas lindas e maravilhosas, então ela pensou: "eu preciso voltar lá e chamar o Paolo". Quando ela o chamou e ele chegou até lá, ele ficou muito feliz e falou para Francesca que ele não sabia que existia aquilo e que tudo que ele contou para ela não passava de sua imaginação. Então, no meio de tanta imaginação, os dois viveram muito felizes.

A MENSAGEM

Paolo era um mensageiro que ia com seu cavalo aos diversos reinos entregar cartas. O seu sustento dependia muito de seu trabalho. Ele morava com a família, formada por Paolo, Francesca, sua esposa, Juan, seu filho, e Alejandra, sua filha. Paolo vivia com isso e era feliz, até que um dia...

Em uma certa manhã de trabalho, teria de entregar uma carta o mais rápido possível, pois dependia do reino de Glorum, o mais temido. Honrado ao seu trabalho daquela manhã, vai com seu cavalo preto às trilhas que o guiavam para o reino com a temida carta.

Ao meio do caminho, cavalgando rapidamente, Paolo vai em direção ao reino de Glorum, mas logo vê-se perseguido por homens totalmente e fortemente armados, então decide se esconder. Não sabia o que era aquilo, pensou que tinha a ver com a mensagem tão importante, então decide olhar fixamente para a carta com o carimbo de vela preto. Sendo assim, rapidamente pensou que era um documento de urgência, e realmente era.

Continuou sua jornada curta até chegar ao reino, viu a porta de entrada com dois guardas que o permitiram entrar. A cidade estava bem movimentada. Foi ao escritório do rei, e ele estava lá esperando a carta, então estendeu a sua mão com a mensagem devagarinho, até o rei perder a paciência e arrancar logo a carta dele. Então, estava com um suspense tremendo até abrir a carta, e viu que, na verdade, era um bate-papo entre o rei e o outro do reino de Florim.

Paolo ficou com muita raiva e perguntou ao rei por que era tão importante e por que outros homens estavam seguindo Paolo fortemente armados. Então o rei explica que estão adotando uma nova tecnologia para o futuro e que esses homens que seguiram Paolo estariam explorando a tecnologia para copiar uma nova, como fizeram com as armas que, na verdade, eram de madeira e não causariam um dano muito forte ao cavaleiro Paolo. O rei disse, então: “Eu a chamo de Whatsapp".

O rei explicou que as mensagens deveriam vir de uma forma bem rápida e para falar para os cavaleiros que fossem bem rápidos para que os temessem, como se o reino realmente dependesse disso. No final, Paolo volta para sua casa com um grande dinheiro para construir sua nova casa e decide, então, junto do dinheiro, participar da nova tecnologia com uma equipe de cavaleiros para, assim, facilitar o processo, e hoje a forma mais fácil e rápida de nos comunicarmos é pelo Whatsapp.

LUCCA SANTOS GERMANOS

O ACIDENTE

Em 6 de outubro de 1990, nasceu um homem chamado Roberto. Ele era muito especial, diríamos. Quando criança, sempre tinha sua rotina organizada, nunca fazia nada de diferente. Além do tempo, foi crescendo e virou um homem que trabalhava em uma usina nuclear! Seguia sempre com sua rotina igual, nunca gostava de carro, pois tinha medo de andar de carro! Sempre andava a pé ou de trem para ir ao trabalho.

Um dia, ele acordou todo errado, com dor no pé e na cabeça; foi escovar os dentes e não tinha pasta de dente, foi então comer seus ovos bem passados como todo dia, procurou por tudo e não tinha mais ovos, e foi para o trabalho de carona no carro do seu amigo! Não estava muito feliz dentro do carro. Quando ele chega à usina, está fechada, então ele volta pro carro confuso. Chegando lá, seu amigo tinha sumido, sem entender nada, volta para sua casa a pé.

Chegando em casa, ele vê um monte de pessoas em sua casa retirando seus móveis. Ele começa a falar com elas, mas ninguém escuta. Desesperado, sem saber o que fazer, ele vai para a casa do seus pais e encontra um cachorro de rua. Eles ficam se olhando e, de repente, ele late para Roberto. Este fica espantado, porque ele conseguia falar com o animal! O cachorro foi correndo para a floresta mais próxima, e Roberto, seguindo o cachorro de rua, encantado com a floresta cheia de luz e águas transparentes, chega a um lugar que o cachorro para late para Roberto. Agora, este é seu lugar. Roberto, sem entender nada, fala: "E minha família? Não posso deixá-la!". O cachorro late para ele, mas você pode falar com os animais.

Roberto, confuso, volta todo seu caminho, chega perto da usina e se depara com um acidente de carro. Desesperado, foi tentar ajudar e viu seu amigo e a si próprio dentro do carro...

LUIGI LOURENÇO DE GREGORI

A PAIXÃO DE CLEBINHO

Em um bairro, na favela Cidade de Deus, no Rio de Janeiro, nasceu um menininho chamado Cleber João da Silva Nascimento, mas ele ficou conhecido como “Clebinho”. Quando mais velho, quando tinha por volta de uns onze anos, Clebinho conheceu dois garotos, o Paolo e a Francesa. Eles viraram muito amigos e, todos os dias, brincavam de esconde-esconde, pega-pega, empinavam pipa e, principalmente, jogavam bola.

Clebinho sempre gostou de jogar bola e sempre foi muito bom nisso. Pegava a bola, driblava um, passava por outro, fazia gol! Ele era uma ótima promessa para a carreira do futebol profissional. Ao completar os seus treze anos, Clebinho entrou em um pequeno time de seu bairro, chamado Cidade de Deus Futebol Clube (CDFC).

Com esse time, ele passou a disputar vários campeonatos, nos quais sempre era o destaque entre os demais jogadores. A partir disso, acabou "caindo no gosto do público", o que chamou a atenção do técnico Phelipe Leal. Quando Clebinho completou 15 anos, Phelipe convidou-o a participar dos testes para entrar no time sub-17 do Flamengo, que era o seu time do coração.

Ao participar do teste, Clebinho teve um desempenho muito bom e foi escalado para entrar no time sub-17 do Flamengo, com o qual participou de campeonatos, jogos, disputou vários títulos e teve um ótimo desempenho com o seu time do coração. Ao completar dezessete, Clebinho recebeu a pior oferta da vida dele. Clebinho já estava com a imagem um pouco suja, pois a vida inteira morou na favela Cidade de Deus, e foi lá que ele conheceu o mundo das drogas. Ele começou pela maconha e foi passando a se envolver cada vez mais com esse mundo.

Mas, voltando para a proposta, ele recebeu a oferta de seu amigo Paolo para ajudá-lo a traficar junto com ele. Primeiramente, ele recusou, mas acabou caindo na tentação. Porém, no ano seguinte, ele iria entrar para o time profissional do Flamengo, que era o seu principal foco. Em um dia, ele foi o responsável por levar a mercadoria (droga), porém foi surpreendido pela polícia e recebeu uma medida educativa, permanecendo três anos no CASE.

Após seus três anos de “pena”, ele não pôde nunca mais jogar futebol profissionalmente, o que o fez ficar muito deprimido e, a partir dali, passou a trabalhar de gari na sua favela, mexendo com seu psicológico e fazendo com que ele voltasse a ser traficante, o que, dessa vez, deu muito certo, pois ele ficou muito rico com isso.

Então, ele comprou um apartamento no Leblon, comprou um carro e tirou a conclusão de que tinha que tirar a vida a partir do tráfico. Nesse período, ele reencontrou, em uma festa, a sua amiga de infância, a Francesa, que estava muito mais bonita que antes. Clebinho conversou muito com ela e acabou se apaixonando, e esse amor era recíproco. Eles tiveram um caso, e ele se arrependeu de tudo o que já tinha feito. Ela terminou grávida, mas o passado dele não tinha sido apagado.

Clebinho estava devendo para um homem chamado Joca. Dias depois, ocorreu uma caçada pela cabeça de Clebinho. Este fugiu com sua família para a fazenda onde seus pais moravam atualmente e ali eles ficaram abrigados. Bom, era o que eles acharam, mas o abrigo não adiantou de nada, pois Joca e seus homens os encontraram e acabaram tirando a vida de Clebinho, de sua esposa e de seu filho.

LUIS FERNANDO
TELLO GAMARRA

O FANTASMA

Era uma vez o zumbi Paolo. Ele era engenheiro nuclear, e a Francesca era repórter. Antes do apocalipse, os dois estavam em uma casa, e o Paolo achou um livro de romance, o qual ele decidiu levar para a Francesca. Certa noite, os dois, juntos, começaram a ler esse livro e, enquanto liam, eles acharam um fio de cabelo.

Assim, nessa noite, e de repente, apareceu um fantasma, dizendo: "Que bom que vocês acharam meu fio de cabelo, eu achava que nunca mais ia sair desse mundo por culpa desse apocalipse." Enquanto eles falavam, a porta que segurava os zumbis caiu, e os zumbis entraram na casa. Com isso, eles precisaram sair correndo.

Logo, eles pegaram um carro abandonado, fizeram conexão direta e tiverem de sair da cidade às pressas. Já na estrada, eles acharam uma biblioteca. Na biblioteca, eles tiveram de acampar, e o fantasma disse: "Se vocês jogarem meu fio de cabelo na minha sepultura, eu vou achar um helicóptero para ajudar vocês". Eles tomaram a decisão de jogar o fio de cabelo na sepultura dele e perguntaram para o fantasma: "Onde você foi enterrado?". Ele disse que foi enterrado no jardim da biblioteca; quando eles acharam a sepultura, desenterraram o corpo dele e jogaram o fio de cabelo do fantasma.

Ao final, eles colocaram o fio junto ao fantasma, disseram: "Agora vou procurar ajuda, mas me esperem". O fantasma achou o helicóptero e levou até eles. Na despedida, o fantasma abraçou os dois e pegou um fio de cabelo de cada um deles.

LUÍZA SILVA SOUZA

PAOLO E FRANCESCA

Em um lindo domingo de sol, num daqueles dias que pareciam ter sido pintados em tela. Francesca, uma mulher com cabelos de ouro e olhos profundos, esperava, ansiosamente, o momento de reencontro com seu amado Paolo, um grande poeta, galanteador e perdidamente apaixonado por ela.

Marcaram, então, um passeio às margens de um belo rio, para que a natureza pudesse testemunhar aquilo que já não cabia mais neles: seu amor. Esse sentimento único que capta o ser humano naquilo que ele tem de mais íntimo. Passaram, assim, uma tarde incrível, um ao lado do outro, desfrutando tudo de bom que a vida pôde proporcionar-lhes.

Logo após esse incrível dia que passaram juntos, Paolo fez companhia para Francesca até sua casa, porque, apesar do grande amor, eles não moravam juntos. Após deixá-la em sua residência, ele resolveu dar uma ida à biblioteca, seu lugar favorito na cidade, já que ele passava a maior parte do tempo lá, lendo e escrevendo seus contos e poesias. Ao chegar lá, ele logo relembrou bons momentos passados ali ao lado de Francesca.

Recordou, então, de uma situação muito particular, na qual um fio de cabelo da sua amada voou e pousou entre seus dedos. Ele parou, sorriu, olhou para aquele lindo fio dourado e usou-o para marcar a página do livro que mais os encantava, fazendo com que ela nunca fosse esquecida e ficasse para sempre guardada em suas memórias.

Naquele fatídico momento, ocorreu algo que ninguém jamais esperava. Ao se escorar em uma imensa estante de livros, esta ruiu sobre ele, enterrando, numa montanha de histórias, contos e poesias, seus sonhos de viverem juntos para sempre.

As pessoas presentes no local foram socorrê-lo rapidamente. Porém, algo absurdamente estranho aconteceu. Ao levantarem a estante, o corpo de Paolo não se encontrava no local, e ninguém sabia explicar o que aconteceu ali. O certo é que Paolo havia desaparecido misteriosamente.

O desaparecimento de Paolo chocou a cidade inteira, e anos se passaram com este grande mistério. Para Francesca, tudo aquilo que passaram se transformou em lembranças, pois seu amado Paolo não estava mais ali fisicamente, porém o amor e a conexão entre eles era tão forte que foi capaz de transcender a distância e a ausência.

Para ela, superar a perda estava sendo uma tarefa muito difícil, pois ele havia desaparecido sem dar nenhuma explicação, sem fazer um último contato... Então, periodicamente, Francesca ia à biblioteca em busca de respostas, e também para lembrar-se de seu querido. Lá, passava horas a ler bons livros, e a atentar-se a quaisquer coisas estranhas que poderiam acontecer naquele lugar.

Num dia que parecia ser normal como qualquer outro, Francesca acordara preparada para ficar horas com a cabeça em livros, pois sua vida já havia se tornado basicamente isto.

Foi à biblioteca e, na procura de um bom livro para ler, deparou-se com o livro favorito deles. Ansiosa, abriu-o rapidamente, e naquele momento uma grande luz resplandeceu vinda das páginas do livro. Era o fio de cabelo que um dia ele usara para marcar as páginas mais belas lidas por eles. Francesca, de forma ligeira, pegou o belo fio dourado.

Ao pegá-lo, um surpreendente portal foi aberto, através do qual ela pode ver Paolo passeando em uma linda campina. Ele acenou para ela e a chamou, e, sem pensar duas vezes, Francesca mergulhou no portal que daria para as páginas daquele livro, jogando-se novamente nos braços de seu amado.

O portal, então, fechou-se, e, dali, das páginas daquele livro, eles não mais poderiam sair. E lá, como num conto de fadas, viveram felizes para sempre como os personagens de um lindo e famoso romance literário, conhecidos até hoje como Paolo e Francesca.

MARIA CLARA BERMUDES COSTA BEBER

A JUSTIÇA

Por volta do século XIII, havia um cavaleiro, ele era um homem forte, muito inteligente e era admirado em toda a Itália. O cavaleiro era amigável com todos, porém, ele não gostava de uma pessoa em particular, Giovanni Malatesta, já que ele era amigo íntimo de Paolo e Francesca e inclusive compreendia o pequeno caso deles.

Um dia, o cavaleiro recebera um amuleto misterioso e uma carta que dizia que Paolo e Francesca haviam morrido. Parece que seu relacionamento fora descoberto e, para piorar a situação, Giovanni havia os matado com as próprias mãos. Com uma expressão de tristeza, o homem pegou o amuleto e, como um último resquício de seus amigos, vestiu-o.

O homem, aterrorizado com a carta, decidiu fazer justiça pelos seus amigos. O cavaleiro começou a pensar se conseguiria fazer isso, mas Paolo era seu companheiro, ele precisava vingar sua morte. Estava decidido, ele então pegou seu Pégasus alado e foi em busca do carrasco de seus amigos.

Ao chegar na região de Rimini, onde Giovanni morava, o cavaleiro foi atrás de informações, no entanto, não descobriu o paradeiro do seu arqui-inimigo. Assim sendo, continuou procurando durante anos por ele. O homem começou a desistir, quando ouviu falar que Giovanni havia se tornado um Podestà de um vilarejo conhecido na região.

Depois de longas horas de voo, o homem finalmente teve a chance de cumprir sua missão. Ele foi até o centro do vilarejo e desafiou Giovanni. Então, Giovanni sentiu-se ameaçado e foi ao encontro do cavaleiro para encerrar de vez essa história. Lá estavam eles, cara a cara, o momento havia chegado. Giovanni, como não sabia o que estava acontecendo, perguntou de onde o homem o conhecia, o homem falou: “Não importa quem eu sou, estou aqui para fazer justiça ao seu irmão”. Em um instante tudo voltou à memória de Giovanni, ele conhecia o cavaleiro, e falou: “O que meu irmão fez foi errado, mas se você quer guerra, guerra você terá”.

Nesse instante, eles começaram a lutar, o cavaleiro pegou sua espada, Giovanni pegou a sua. Lá, naquele exato momento, a guerra, a vingança e a justiça estavam frente a frente.

Foi aí que o cavaleiro descobriu o que Giovanni havia feito durante todos esses anos, ele tinha ido até os confins da terra e se tornado um grande feiticeiro. Então ele empunhou a espada, e foi com tudo para atacá-lo.

Giovanni acertou um golpe na barriga e o cavaleiro o atacou no braço, então percebeu que misteriosamente havia se curado, não estava mais com um ferimento e seu amuleto estava brilhando, mas, estranhamente, por mais que Giovanni fosse um feiticeiro, não conseguia usar seus poderes. Percebendo a sua vantagem, o cavaleiro fez um golpe que o deixou na posse das duas espadas e falou para o seu arqui-inimigo.

“Não queria pôr fim a sua vida, mas se for necessário, eu o farei.”

MARIA LUIZA DE CASTRO SANTIAGO

O BRACELETE DO PECADO

De todas as pessoas que já tiveram a chance de contar esta história, nunca imaginaria que eu teria de fazer as honras. Muitos vão achar que a loucura que eu vou contar é apenas uma desculpa... Bem que eu queria. Mas, querendo ou não, eu abri a Caixa de Pandora e agora preciso contar o que achei.

No final do ano passado foi quando tudo aconteceu. Eu tinha acabado de me formar no colégio, porém minha família sempre teve dificuldades financeiras e não tinha como pagar a melhor faculdade da cidade. Mesmo assim, me contentei com a faculdade que meus pais conseguiram pagar. Estava muito feliz aquele dia, afinal, tinha finalmente me formado na escola, então eu e alguns amigos fomos comemorar tomando sorvete.

Estávamos na fila da sorveteria quando eu vi uma lotérica do outro lado da rua. Na minha cabeça, aquele era meu dia de sorte, então nada era mais apropriado do que jogar na loteria. Meus amigos me falaram que era bobagem e que a chance de ganhar em um jogo desse tipo era muito pequena, mas eu nem escutei, estava determinada a jogar.

Uma semana depois, saíram os resultados da loteria na televisão e o inimaginável aconteceu. Eu ganhei. Sem dúvida nenhuma, esse foi o melhor dia da minha vida. Minha família inteira e os meus amigos vieram comemorar, espantados, era até engraçado de se ver. Mas, para mim, a verdadeira comemoração foi fazer compras na semana seguinte.

Eu fui ao shopping e comecei a comprar tudo o que antes eu não podia. Estava muito feliz, agora eu podia ajudar a minha família, me matricular em uma faculdade melhor e até passar o dia em lojas para comprar o que eu bem entendesse. Até que eu avistei uma loja de joias com uma vitrine brilhante, e, então, sem pensar duas vezes, entrei.

Quando entrei na loja, encontrei um homem jovem, loiro, de olhos azuis. Ele parecia um anjo. Ele veio me atender:

— Oi, como posso ajudar?

— Eu estou apenas conhecendo a loja, mas obrigada.

— Então fique à vontade.

Vi a loja por um tempo, ela estava cheia de joias lindas. Eu estava encantada. Foi então que o atendente voltou, segurando uma das coisas mais belas que já vi em toda a minha vida. Era um bracelete todo incrustado de diamantes.

— Este bracelete acabou de chegar na loja... É lindo, não é?

— É maravilhoso! — digo, quase babando.

— Esse tipo de joia sai muito rápido aqui da loja, então, se você quiser, eu posso fazer um desconto para você levá-la agora.

— Claro! — respondi, sem hesitar, parecia que aquele bracelete me chamava.

Fui do shopping pra casa apenas olhando para o meu pulso. Quando cheguei em casa, continuei fazendo a mesma coisa. Minha família, apesar de ter gostado do bracelete, já estava preocupada, pois eu tinha ficado olhando para ele praticamente o dia inteiro. Aquela joia me fez querer comprar outra joia e outra joia e mais joias... Quando eu reparei, já estava obcecada em comprar qualquer coisa que visse pela frente.

Não só tinha me tornado uma consumista compulsiva, como também tinha me tornado a pessoa mais gananciosa do mundo. Foi só uma questão de tempo para eu me esquecer de pagar o aluguel da casa que tinha comprado para os meus pais terem melhores condições de vida, para eu me esquecer dos meus planos de ir para uma boa faculdade ou para eu esquecer dos meus amigos. O dinheiro me cegou.

Quando percebi isso, olhei para o meu pulso e ali estava o bracelete que começou tudo. Meu dinheiro havia simplesmente acabado, então precisava vender o bracelete se quisesse que minha vida voltasse a ser o que era antes. Queria que meus amigos e minha família me perdoassem.

Decidi vender pela internet o bracelete. Para vendê-lo, achei melhor pesquisar mais sobre ele. Foi então que eu o encontrei em um site e eu nunca vou me esquecer do que li. Esse site dizia que o nome dessa joia era "Bracelete do Pecado" e que pertencia a uma princesa da era medieval, que viveu na Itália, chamada Francesca. Essa princesa traiu o seu marido, Gianciotto, com o irmão dele, Paolo. Para se vingar, Gianciotto matou os dois. Quando ele matou Francesca, tirou o bracelete de seu pulso e fez uma maldição: a próxima pessoa que usar este bracelete será uma pecadora, assim como Francesca foi, e pecados sempre são pagos no final. E era verdade, acabei me afastando da minha família e dos meus amigos por causa da minha ganância. Então, quando terminei de ler, coloquei o bracelete em uma sacola plástica e joguei-o no lixo.

Aquele bracelete desperta o mal nas pessoas, nisso eu realmente acredito. Quando fui colocar outra sacola no lixo, encontrei o homem que me atendeu na loja pegando o bracelete de volta. Quando perguntei o que ele estava fazendo, ele disse:

— Você não foi a primeira nem será a última...

MARINA DE ARRUDA CARILO LORO

A PERDA DA DOCE FELICIDADE

Sons estranhos, eles me cercam. Parecem vozes, porém extremamente estranhas, distorcidas e em um tom alto. Muito alto. Que desnecessário. Um velho não pode mais nem dormir em sua paz.

"Calem-se! O velho Paolo quer dormir, miseráveis!"

...

Um momento, por que parece que isso só foi berrado em minha mente? Era para repreender esses barulhentos, mas o que houve com minha voz? Não consigo abrir a boca, nem mexer meu corpo. Mas que situação frustrante! Eu só queria tirar meu cochilo, é tão difícil assim conseguir isso?

...

Tem algo errado. Com certeza faz mais de uma hora que eu continuo aqui, deitado, sem conseguir me mover ou fazer qualquer outra coisa além de pensar. Será que... eu devo esperar o pior? Pode ser que eu... eu tenha... morrido? Não! Não é possível! Eu sou um vovozinho saudável e jovem. Bem, para mim, 82 anos ainda é idade de subir em árvores para cortar os galhos. Ainda que, ontem mesmo, antes de desligar a luminária em cima do bidê, eu conversava com minha amada Francesca. Nosso velho rádio tocava alguma música dos jovens atuais, não tão ruim quanto a maioria, eu até a apreciava por alguns poucos instantes, quando me livrava do doce feitiço que a voz de minha amada carrega em si. Lembro-me dela tricotando um casaco para nosso terceiro neto, que estava para nascer no próximo mês. Certeza de que esse garotão será tão lindo quanto o jovem Paolo que já fui.

Sou retirado de minhas memórias ao ouvir um barulho irritante e alto perto de meu ouvido. Senti uma leveza tomar conta de mim.

Minhas pálpebras começam a tremelicar. De repente, um despertar de olhos, frio e sem a presença da doce felicidade da vida.

MIGUEL FERREIRA DONADUZZI

A MENINA E O MAGO

Em um dia ensolarado, uma menina chamada Francesca passeava no parque com sua família e, enquanto conversava com seu irmão, falou para ele que se sentia muito mal com uma dor abdominal bem forte. Passou-se um tempo a Francesca começou a perder a visão e acabou desmaiando. Sua família ficou desesperada, enquanto eles estavam tentando acordá-la, a menina sonhava que estava em um castelo onde o reino havia sido atacado por um dragão muito feroz, que cuspia fogo e acabou destruindo tudo que tinha pela frente. A Francesca, vendo essa destruição toda, pensou que tinha que fazer alguma coisa, ela ficou sabendo que havia um mago muito conhecido chamado Paolo que seria o único que poderia salvar o reino do dragão, então foi à busca desse tal mago.

Após uma longa caminhada, chegou a uma floresta muita assustadora que seria onde o mago morava. Então entrou na floresta;, muito assustada, olhava para todos os lados com medo de acontecer alguma coisa. Passou um tempo de muita trilha pela floresta e achou uma cabana bem pequenina, chegou à frente dela e bateu palmas enquanto gritava para saber se tinha alguém lá dentro. De repente a porta abriu sozinha, então ela entrou, a cabana estava bem escura, mas lá no fundo do corredor havia uma luz azul. A menina foi se aproximando e, quando chegou à sala que tinha essa luz, ela viu uma pessoa barbuda com um chapéu bem grande falando bem baixinho: "essa é a escolhida" e repetindo várias vezes. Então ela falou para essa pessoa: "Você é o mago chamado Paolo?" A pessoa barbuda respondeu: "Sou sim, mas por que quer saber?" A Francesca respondeu: "É que o reino onde moro foi atacado por um dragão muito feroz e me falaram que você é o único que poderia ajudar." Então o mago pensou e falou: "Mas você é a escolhida, então lhe darei um poder que vai ajudar você a salvar o seu reino". Então o mago fez um ritual com a Francesca e, após o ritual, a menina se sentiu muito mais forte, mais destinada, e perguntou para o Paolo: "Mas como vou controlar meus poderes?" O mago falou: "Vá treinando durante o caminho de volta para o seu reino, assim você vai aprender a controlá-lo e a usá-lo direitinho."

Após chegar ao seu reino, a menina viu o dragão atacando novamente o castelo do rei. Então, pensou e falou para si mesma: “Agora é minha hora de ajudar a salvar o reino; treinei durante essa caminhada toda”. Assim, a Francesca, toda confiante que ia matar e derrotar aquela fera, foi correndo até o dragão e imaginou como iria usar o poder. Então, a menina soltou um poder de gelo que congelou o dragão, mas ela tinha esquecido que o dragão era de fogo, ao que ele soltou um cuspe de fogo e derreteu o gelo. Após o dragão derreter o gelo, ele ficou zangado e contra-atacou a Francesca, que conseguiu desviar do primeiro golpe, mas, do segundo golpe, não. Então, a menina foi jogada para bem longe e bateu a cabeça na parede. Acabou desmaiando e, quando acordou, estava no hospital, nos braços da sua querida mãe.

PEDRO HENRIQUE
BONILLA KARSTEN

ELE

Não sinto meus pés, achava que tinha virado um cadáver putrefato em meio ao nada. A sala onde me encontro me parece o meu quarto, mas não tenho certeza, pois todas as janelas estão fechadas.

Lembro-me agora de minha mulher puérpera e de minha filha, ah, minha filha! Francesca é seu nome, que *bello* nome! A recém-nascida com certeza terá os cabelos d'oro da mãe; nossos amigos Geovana e Matteo também tiveram um filho, o *piccolo* Paolo!

Mas agora um pensamento horrível me vem à cabeça, ele, eu me lembro dele como se nunca tivesse ido embora, ele me assombra, lembro-me de *tutto*! Eu estava em minha casa, comendo com minha mulher Marilza, que estava grávida, foi quando eu ouvi o latido dos nossos cachorros e desci as escadas o mais rapidamente que pude... Mas, quando cheguei, encontrei-os dormindo como recém-nascidos, cães do mato, talvez? Voltava para o quarto quando ouvi de novo os latidos estrondosos, resolvi dar um jeito naqueles vira-latas selvagens, pois Marilza precisava descansar.

Fui ao porão, peguei minha espingarda e, ao voltar para o quintal, não ouvi mais nada. Decidi entrar no mato, eu estava adentrando cada vez mais a mata fétida quando percebi que estava perdido e foi aí que eu o vi: uma figura com forma de homem, com olhos brilhantes como a lua, ele me olhava torto, e eu via seu sorriso medonho.

Quando ele começou a se contorcer, eu atirei, atirei e atirei, mas *non* fazia efeito; quando ele começou a latir, eu percebi, eu havia caído em algum tipo de armadilha dessa criatura, quem dirá que não era o próprio Demônio! Eu comecei a correr, e ele corria atrás de mim, enquanto dizia palavras estranhas... As árvores pareciam me encarar, e eu ouvia sussurros vindos da floresta; após isso, eu comecei a sentir-me estranho, meio zonzo e caí. A minha última lembrança são as palavras da criatura enquanto eu imergia na escuridão:

"Muitos foram os que desceram pelo abismo da insensatez sem conseguir voltar e apenas eles dançam sóbrios no baile da loucura..."

Agora vejo o médico entrando e abrindo levemente as janelas, só consigo pensar em minha Marilza e em nossa *ragazza*. O médico disse que eu havia sido encontrado em meio à estrada principal, delirando, e que talvez eu tivesse tido algum tipo de alucinação por intoxicação alimentar, mas achou estranho minha esposa estar bem. Ele também disse que Matteo está vindo me visitar, o único problema é que...

Ele me observa, sentado em uma cadeira, do canto do quarto, às mais deleitosas gargalhadas.

PEDRO HENRIQUE TARTER DHEIN

O LOBISOMEM

Havia um casal formado por Paolo e Francesca, eles tinham o sentimento de serem perseguidos por um lobisomem. À noite, na quaresma, eles não saiam de casa e sempre antes de dormir certificavam-se de que a casa estava bem fechada. Tinham receio de serem atacados pelo terrível lobisomem, pois sempre ouviam barulho que juravam ser o monstro, unhas deslizando pela parede e ruídos que só de ouvir davam medo.

Na quaresma era uma tortura, o casal sofria de insônia. Temiam de ser atacado pela figura horrorosa que tinham tanto medo. Passavam noites em claro, de espingarda em mãos. Às vezes o sono os dominava, e quando acordavam, rapidamente ficavam em pé com a espingarda em punhos. Estavam perturbados e pensavam em uma forma de livrar-se daquele incômodo.

Contaram-lhes que um homem sofria da mesma sina e lhe ensinaram uma simpatia contra o lobisomem. Ele deveria permanecer sentado, à noite, ao redor do fogo, durante uma semana, queimando ervas aromáticas, deixando cravado no chão um animal feroz ao redor do fogo, e que, na última noite, deveria ser uma sexta-feira e lua cheia.

Até que enfim chegou a hora, a sexta-feira à noite de lua cheia. As horas iam se passando rápido e o casal ansioso, mas, ao mesmo tempo, com medo, a final iam enfrentar um lobisomem. Pelas 3 horas da manhã, o terrível monstro aparece em cima da casa e o casal fica ainda mais assustado, a figura horrorosa pula do telhado da casa, ficando cara a cara com eles, e infelizmente o casal nunca mais foi visto por um bom tempo.

No dia 17 de maio de 1989, viram o casal Paolo e Francesca andando pelos arredores da cidade, e todo mundo ficou muito surpreso, porém o lobisomem nunca mais foi visto. Quando foram falar com o casal, eles estavam aterrorizados porque, quando estavam na caverna do lobisomem, viram todos os corpos vivos, mas eles foram os únicos que conseguiram sair.

SOPHIA CAMBRAIA MACHADO HAYGERT

MAIS UM METRÔ

Em um dia qualquer, estava eu e Carla, uma menina de 15 anos, pegando o metrô logo cedo para ir para a escola, nada fora do normal. Até que, quando eu fui entrar no metrô, não havia ninguém além de mim, estava tudo vazio. Achei estranho, pois, naquele horário, normalmente, o metrô estaria cheio. Desci na primeira parada, não havia ninguém, apenas um senhor, e fui até ele para perguntar sobre o que havia acontecido.

— Senhor, você sabe de algo? Por que está tudo vazio? — perguntei, assustada.

— Olá, bela moça, sei de algo que você precisa saber. Deixe-me lhe mostrar uma coisa, siga-me – concordei e fui com ele.

Eu o segui por longos corredores, curvas e escadas, mas ele começou a andar cada vez mais rápido, até que o perdi de vista. Cheguei a um corredor com uma porta vermelha no final, andei até lá e a abri: logo que a abri, caí em um profundo buraco no chão. Lembro-me de acordar em um lugar totalmente fora do normal, como se fosse um castelo, até que duas pessoas vieram falar comigo.

— Quem é você? — o moço me pergunta.

— Eu que te pergunto, quem são vocês?

— Somos Paolo e Francesca, e você, quem é?

— Meu nome é Carla. Paolo e Francesca, já ouvi esses nomes na minha aula de literatura, mas pensei que vocês já estavam mortos. Espera, em que ano estamos?

— Estamos em 1275, por quê?

Quando eu ouvi esses números saírem de sua boca, minha cabeça começou a girar, até que desmaiei. Acordei no metrô. Percebi que eu apenas havia cochilado, pois estava com sono por ter ficado a noite toda estudando para a prova de literatura que eu tinha naquele dia.

Uma garota caminhava, no meio da noite, em busca de algum lugar aberto. Estava chovendo, o vento batia em seu rosto e ela já estava cansada de tanto andar, podia-se ouvir o trem a distância.

Após a longa caminhada, ela viu uma pequena lanchonete e resolveu entrar. Ela viu gente de tudo que era lugar conversando, e, por algum motivo, aquele lugar a deixava desconfortável, mesmo com todos se divertindo tanto. Talvez fosse por isso? Já faz muito tempo que ela não se diverte assim, que ela não se reúne em uma lanchonete e fica conversando com os amigos. Depois de todos esses anos, finalmente se sentiu solitária.

Sentou-se em uma mesa e esperou ser atendida, quando uma pessoa de que ela se lembrava apareceu. Talvez estivesse se confundindo? Não, era ele mesmo. Mas quem era "ele"? Tinha muitas perguntas e nenhuma resposta, estava confusa. O garoto se aproxima:

— Com licença, posso me sentar aqui? Sou Paolo, a propósito.

Parecia um nome familiar, mas ela não se recordava dele. Notou que o estava encarando, sem dar uma resposta, que vergonha...

— Sou a Francesca, pode sim.

Ele se sentou na frente dela, e eles ficaram calados por um momento. Francesca não se lembrava de nada daquela noite. "Quem sou eu?" "Quem é ele?", aos poucos, suas memórias voltavam, mas não mudavam muita coisa.

A atendente vai à mesa pegar as ordens e, como nenhum dos dois estava com fome, então apenas pedem água com gelo. De repente, ela se arrepia toda, é o barulho do trem novamente. Por algum motivo, aquele som é assustador para ela, Paolo também parecia desconfortável. Sem hesitar, o garoto falou:

— Que tal seguirmos o trem?

— Pode ser, não tenho nada para fazer mesmo.

Os dois se levantam e vão em direção à saída, abandonando o local e indo na direção do trilho de trem, que parecia que os estava chamando, era tentador. Olham em volta, estão sozinhos no meio do nada, sem senso de direção e há apenas um trilho na frente deles. Quanto mais caminhavam, mais sentiam que estavam perto de algo, de aquilo, de... alguma coisa? Francesca nunca foi boa com palavras, Paolo sempre achou melhor ouvir em vez de falar, não se importavam com o silêncio, nunca os incomodou antes. Os dois entraram em uma neblina, ficava cada vez mais difícil ver em sua volta. Uma pessoa estava parada no final da névoa, usava roupas chiques e estava em silêncio, parada.

Paolo não perdeu a chance:

— Olá? — Paolo fala, um pouco assustado — Estamos perdidos.

Fran sabia que isso não era uma boa ideia. Ela nunca confiou em estranhos, por mais que estivesse confiando nessa pessoa que acabou de conhecer, como é possível?

A pessoa se vira. Por algum motivo, não é possível saber quem a pessoa é, mas, ao mesmo tempo, é tão óbvio. Não sabiam se era homem, mulher, nenhum ou os dois, realmente estranho. A garota começa a se afastar, não estava confortável ali e queria fugir. A pessoa se virou e disse:

— Viajantes? São de onde? — A voz "daquilo" era estranha, parecia que não conseguia ouvi-la, mas era tão clara.

Paolo, novamente, resolveu responder:

— Na verdade, não me lembro de nada. Você lembra, Francesca?

Ela foi pega de surpresa e negou com a cabeça. A pessoa misteriosa riu e respondeu:

— De qualquer forma, bem-vindos! Sabem? Um trem deve passar em breve por aqui, não querem esperá-lo comigo?

Uma luz no meio da neblina forte aparece, o som do trem fica cada vez mais alto. Eles não tinham muitas outras opções, resolveram ficar ali, calados, esperando o trem. Depois de poucos minutos (que pareceram horas), o trem chega. Paolo sobe e Francesca vai atrás, a pessoa sorri e vai embora, deixando-os no trem vazio, que ia para sei lá onde. Para onde o trem vai? Isso nem eu sei, teria que ir para saber, mas poucos conseguem encontrá-lo, apenas aqueles que estão em busca de algo, uma vontade insaciável pela morte.

COLÉGIO **MARISTA**
SANTA MARIA